

DIOGO HENRIQUE FELICIANO DE OLIVEIRA

**CENTROS CULTURAIS DE PETRÓPOLIS E SEUS DESAFIOS NA
FORMAÇÃO DE PÚBLICO**

Petrópolis-RJ

2018

DIOGO HENRIQUE FELICIANO DE OLIVEIRA

**CENTROS CULTURAIS DE PETRÓPOLIS E SEUS DESAFIOS NA
FORMAÇÃO DE PÚBLICO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico, lato sensu- a distância, do Programa de Pós-graduação em Arte-PPG-Arte, Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Ma. Anna Paula da Silva.

Petrópolis-RJ

2018

“Para podermos exercer essa busca por excelência e igualdade, necessitamos entender como se dá a experiência dos sujeitos que vão ao museu para poder criarmos ações que tornem o museu mais inclusivo”.

(Denise Grisnspum, 2000)

RESUMO

O presente trabalho busca provocar reflexões acerca dos desafios para a formação de público de dois espaços culturais em Petrópolis: O Centro de Cultura Raul Leoni e o Theatro Dom Pedro. Ambos localizados na região central da cidade, a que mais alimenta o turismo comercial e histórico, que se apresenta enquanto importante atividade econômica do município. Apesar da rica história na formação cultural da cidade, hoje o Centro de Cultura e o Teatro não recebem tanta visibilidade quanto os demais monumentos do circuito turístico petropolitano e o número de visitantes continua a cair ano pós ano. A partir de análises quantitativas e qualitativas - de dados como os livros de assinaturas das exposições do Centro de Cultura, da lista de empréstimos da biblioteca deste centro e de pesquisa realizada via aplicativo, financiado pela Fundação de Cultura e Transporte sobre o público do teatro- este trabalho reforça a necessidade de discutir a ocupação destes espaços por parte da população e das diversas manifestações culturais e ainda, busca instigar o debate sobre políticas públicas que auxiliem na formação de público nestes espaços.

Palavras-chave: Centro de Cultura Raul Leoni, Theatro Dom Pedro II, Formação de Público, Petrópolis.

ILUSTRAÇÕES

| | | |
|-----------------|--|----|
| Figura 1 | Fachada do prédio do Centro Cultural Raul de Leoni..... | 23 |
| Figura 2 | Espaço Alternativo do Centro Cultural Raul de Leoni..... | 25 |
| Figura 3 | Fachada do Theatro D. Pedro..... | 30 |

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

| | | |
|------------------|--|----|
| Quadro 1 | Número total de exposições realizadas nas galerias no centro de Cultura Raul de Leoni e no Espaço Alternativo..... | 26 |
| Quadro 2 | Número total de visitas à Biblioteca Central Municipal Gabriela Mistral..... | 28 |
| Quadro 3 | Faixa Etária- Geral..... | 32 |
| Quadro 4 | Classe Social- Geral..... | 32 |
| Gráfico 1 | Número de visitas às galerias do Centro de Cultura Raul de Leoni e no Espaço Alternativo..... | 27 |
| Gráfico 2 | Número total de visitas à Biblioteca Central Municipal Gabriela Mistral comparado ao número total de visitas as galerias e ao Espaço Alternativo do CdC Raul de Leoni..... | 29 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-------|---|
| BNCC | Base Nacional Comum Curricular |
| CDC | Centro de Cultura |
| FCTP | Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis |
| IBRAN | Instituto Brasileiro de Museus |
| IMCE | Instituto Municipal de Cultura e Esporte |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia Estatística |
| PEC | Proposta de Emenda Constitucional |
| SNIT | Sistema Nacional Integrado de Teatro |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 2 | EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO: SUBLINHANDO AS IMPORTÂNCIAS..... | 13 |
| 2.1 | ACESSO AOS ESPAÇOS CULTURAIS: UMA DIFÍCIL CAMINHADA..... | 16 |
| 3 | INSTITUTO MUNICIPAL DE CULTURA E ESPORTES..... | 19 |
| 3.1 | SUPERINTENDENTE DE CULTURA DO MUNICÍPIO..... | 19 |
| 3.2 | CENTRO DE CULTURA RAUL DE LEONI..... | 23 |
| 3.3 | THEATRO D. PEDRO..... | 31 |
| 4 | A RELAÇÃO DOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE ENSINO COMO COMPLEMENTO À FORMAÇÃO ESCOLAR..... | 34 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 39 |
| | REFERÊNCIAS..... | 44 |
| | ANEXO I- ENTREVISTAS..... | 46 |
| | ANEXO II- AUTORIZAÇÕES..... | 59 |

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso pretende suscitar reflexões sobre a importância de locais como o Centro Cultural Raul Leoni e o Theatro Dom Pedro, ambos ligados ao Instituto Municipal de Cultura e Esporte da cidade de Petrópolis, interior do estado do Rio de Janeiro. A pesquisa surge a partir de uma experiência pessoal do autor, que desencadeou percepções acerca da importância para além de material, simbólico destes espaços. Importância esta que ganha certa especificidade quando se pensa na relação das escolas do município com os centros culturais¹. O objetivo deste trabalho é contribuir para a valorização destes espaços e quiçá instigar reformulações de já existentes e criação de novas políticas públicas por parte dos governos municipais e estaduais em relação aos espaços de formas a tornar seu acesso mais amplo e democrático.

Para melhor compreender o contexto no qual os objetos desta pesquisa estão inseridos, é válido explicitar algumas especificidades que compõe as características da cidade. Segundo dados de 2018 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Petrópolis é a cidade mais populosa da região serrana do Rio de Janeiro, com média estimada de trezentos e cinco mil habitantes. Seu território é dividido em cinco distritos², mas é o distrito de Petrópolis que mais recebem turistas. Parte da economia da cidade se movimenta a partir da atividade turística, ao passo que grande parte desta atividade é alimentada pelo centro histórico da cidade, quando não pelo centro comercial. A economia da cidade como um todo, portanto, está fundada no turismo comercial e histórico, ao passo que mantém o centro histórico enquanto protagonista deste processo.

É no centro histórico que se localizam o Theatro Dom Pedro e o Centro de Cultura Raul Leoni, mas é também onde estão as Avenidas do Imperador e Koeler, e

¹¹ Apesar das diferentes percepções sobre o que define um centro cultural, utilizaremos aqui o termo levado ao radical das palavras, entendendo um CC enquanto um espaço institucionalizado onde ocorre difusão de cultura e multilinguagens, conforme definição do Governo Brasileiro “centros culturais são espaços que conservam, difundem as artes e expõem testemunhos materiais produzidos pelo homem”. Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/noticias/cultura/2009/11/centros-culturais>>. Acesso em: 16 jan 2019.

² Como divulgado pelo Governo Municipal de Petrópolis em página oficial, os distritos a partir dos quais se organiza o município são: Petrópolis, Cascatinha, Itaipava, Pedro do Rio e Posse. Disponível em:<Petrópolis.rj.gov.br>. Acesso em: 10 jan 2019.

monumentos históricos como o Museu Imperial³, a Casa da Princesa Isabel⁴, Catedral São Pedro de Alcântara⁵ e demais pontos que juntos formam um circuito de visitação muito procurado por turistas vindos de múltiplos lugares. E por toda relevância econômica que apresentam, além da histórica, acabam sendo os maiores alvos de investimentos e políticas públicas que contribuem para o contínuo acesso e desenvolvimento destes espaços.

Pode-se dizer que a quantidade de monumentos turísticos e principalmente dos estímulos ao acesso a estes, faz do centro histórico uma região muito potente para o ensino como um todo. Contudo, apenas dez das aproximadamente trezentas e cinquenta escolas do município se localizam no centro histórico e as escolas mais distantes encontram dificuldades para frequentar estes espaços. Ainda assim, quando existe a possibilidade da visita, os maiores destinos são os que ganham maior visibilidade turística como os citados Museu Imperial, Casa da Princesa Isabel e Catedral São Pedro de Alcântara. Desta forma, demais espaços de difusão de cultura permanecem fora da rota de visitação e por isto muitas vezes, de financiamento.

O recorte empírico deste trabalho reflete a importância das atitudes individuais de professores e sua luta diária para dar sentido à educação fora das salas de aula. Meu primeiro contato com um dos objetos da pesquisa se deu a partir de uma visita ao Centro Cultural Raul de Leoni, guiada pela professora Márcia Totstein em 2009 enquanto era professora do segundo ano do ensino médio no Colégio Estadual Dom Pedro II, onde cursei todo o ensino médio.

O Colégio em questão fica a apenas dois quarteirões do Centro de Cultura Raul de Leoni, contudo em três anos de ensino médio, fizemos apenas uma visita. Que foi inclusive a partir deste momento de reflexão e aprendizagem que fiz as escolhas que me trouxeram à sala de aula enquanto professor de artes.

A pesquisa esbarrou em algumas dificuldades operacionais. Eu não sabia o sobrenome da professora Márcia, e já faz seis anos que ela não leciona mais no Colégio

³ Museu Imperial começou a ser construído por D.Pedro I e finalizado por seu filho D.Pedro II. Foi a residência oficial de veraneio do Império. Disponível em: <Petrópolis.rj.gov.br>. Acesso em: 17 Jan 2019.

⁴ Residência oficial de veraneio de Princesa Isabel e Conde D'eu. E onde a princesa assinou a Lei Áurea, documento que aboliu a escravidão no Brasil. Disponível em: <Petrópolis.rj.gov.br>. Acesso em: 17 jan 2019.

⁵ Igreja em estilo Neo-gótico, teve sua obra finalizada apenas na década de 1960, chama atenção por sua beleza contrastante com as igrejas de influência Barroca. Disponível em: <Petrópolis.rj.gov.br>. Acesso em: 17 jan 2019.

Estadual D. Pedro II. Como havia nove anos que não via a professora, tive de ir diversas vezes ao colégio, onde diziam que eu não poderia ter acesso a esta informação, outrora que ela não existia no colégio. Foi me sugerido que procurasse a Secretaria Estadual de Planejamento, onde consegui os dados, mas não contato efetivo. O intuito primário era entender dificuldades e motivações de levar-nos aquela exposição em 2009. Contudo, não foi possível estabelecer contato por redes sociais, telefones ou mesmo email.

A dificuldade se estendeu a outras estâncias, não foi possível encontrar também diversos dados, como o nome ou origem do artista daquela exposição, pois as chamadas artísticas e editais começaram a ser realizados apenas do ano de 2006 em diante. Não havia também, documentos ou políticas públicas junto a Secretaria de Educação com relação às visitas aos centros culturais de Petrópolis o que dificultou uma análise quantitativa das visitas.

Frente a tais dificuldades alguns elementos da pesquisa tiveram que ser reformulados e postos em uma perspectiva de análise empírica, baseada em minha experiência com o Centro de Cultura Raul de Leoni e o Theatro D. Pedro. Fazendo uso de análises qualitativas e quantitativas baseados em dados cedidos pelo Instituto Municipal de Cultura e Esporte e entrevistas de diferentes modalidades com Arthur Varella⁶, Flora Martins⁷ e Paulo Campinho⁸ respectivamente.

Na primeira sessão, Educação para o Patrimônio: Sublinhando as importâncias, é apresentado o debate da importância dos espaços culturais, com enfoque principalmente nos ligados às artes, explorando a subjetividade⁹ presente na construção da relação entre os espaços culturais e as escolas, sobretudo, os desafios da formação de público. Apresento um panorama geral do município com relação às políticas públicas voltadas para a proteção dos patrimônios culturais e as dificuldades de acesso a estes espaços. Ainda nesta sessão faço uma análise da minha experiência pessoal com os

⁶ Artista plástico, diretor de teatro e atualmente Superintendente Municipal de Cultura de Petrópolis.

⁷ Estudante do Sétimo ano do fundamental II, no Colégio Koeler.

⁸ Artista Plástico, Professor de Pintura, restaurador e atualmente ocupa a função de “animador cultural” e curador junto ao Instituto Municipal de Cultura e Esporte.

⁹ Como subjetividade, entendemos como “um processo que se traduz por uma singularidade pela qual se produz a flexão ou a curvatura de um tipo de relação de forças, atravessada pela formação histórica que a tensiona (sic) e que produz sentidos particulares, singulares e coletivos” (SILVA et al, 2011 p192). A importância da subjetividade é reconhecida no âmbito educacional, e aparece como item relevante na produção de significado do ensino da arte na educação básica, pois: “os conhecimentos e as experiências artísticas são constituídos por materialidades verbais e não verbais, sensíveis, corporais, visuais, plásticas e sonoras, é importante levar em conta sua natureza vivencial, experiencial e subjetiva” (BRASIL, 2018).

centros culturais. Observando também o material da disciplina, História e Geografia de Petrópolis e Educação para o Trânsito, organizado por Juliana Winter (2016) que fomenta a importância dos patrimônios históricos para o município.

Para, além disso, abordo a importância da presença participativa das escolas nestes espaços culturais para a formação de novos públicos, fazendo uso do material organizado por Luciana Conrado Martins, *Que público é esse? Formação de públicos de Museus de Centros Culturais*, e seu importante olhar à cerca da relação histórica entre os centros culturais e as instituições escolares.

Na sessão, *Acesso aos espaços culturais: uma difícil caminhada*, faço uma análise das demandas e os possíveis motivos do distanciamento das pessoas destes espaços. Apoiado em dados do IBGE, e sob a ótica de Pierre Bourdieu, busco demonstrar a importância do capital cultural para a formação dos públicos que frequentam os espaços culturais.

Neste momento, utilizo também o aporte teórico desenvolvido na tese de doutorado de Denise Grinspum, em sua tese de doutorado, de nome, *Educação para o Patrimônio: Museu de Arte e Escola. Responsabilidade compartilhada na formação de público*, onde a autora faz uma análise do centro cultural Lasar Segall em São Paulo, se atentando a aspectos sociais, como algumas dificuldades de acesso de pessoas de baixa renda e a importância das relações familiares ao adentrar nestes espaços, ressaltando as barreiras simbólicas criadas por fatores histórico-sociais. Para além disso, cabe ainda ressaltar o discurso hegemônico criado, e assimilado com relação a estrutura excludente ao qual encontra a cidade, formada por periferias negras, em um projeto de formação de cidade branca, que nunca ocorreu, pois durante toda a colonização teve mão de obra de pessoas escravizadas, negras (SILVA et al, 2014 p10-12).

A partir destes entendimentos penso no papel do visitante, que não possui o hábito de frequentar estes espaços, enquanto um observador, que embora faça parte da mesma cultura, não participa das discussões e reflexão que ali acontecem. Este observador pode estranhar em um primeiro momento e que apenas com o tempo, com “observação e empatia” (VELHO, 1997 p.124) quanto mais dentro destes espaços, mais inserido e, portanto, familiar será esta cultura.

Na segunda sessão, Instituto Municipal de Cultura e Esportes, eu entro mais especificamente no objeto de estudo: o Centro de Cultura Raul de Leoni e Theatro Dom Pedro. Foi feita uma pesquisa sobre a história dos prédios a fim de contextualizar as

estruturas físicas do Centro de Cultura e do Teatro, bem como da biblioteca Gabriela Mistral localizada no próprio prédio do Centro de Cultura Raul de Leoni. As divisões de tópicos estão organizadas forma a chegar às políticas públicas municipais.

Quanto à metodologia, foi feito uso de entrevistas, revisão de literatura e visitas a estes espaços, para analisar objetiva e qualitativamente as políticas específicas de cada centro Cultural. Na parte subsequente está uma entrevista com o superintendente Arthur Varella, que em janeiro deixou o cargo, mas na época de escrita deste trabalho ainda o exercia. Para auxiliar o desenvolvimento, utilizei a entrevista com Paulo Campinho¹⁰, curador do Raul Leoni com sua estreita história e rica trajetória com movimentações culturais em Petrópolis. A entrevista ocorreu por meio de um diálogo de mais de uma hora sobre o tema da pesquisa e sobre o Centro de Cultura Raul de Leoni, só posteriormente eu pensei na possibilidade de convidá-lo a uma entrevista, e ele, se dispôs prontamente a concedê-la.

Na última parte desta sessão, eu abordo especificamente o Theatro D. Pedro, especificamente utilizei os dados do aplicativo “Meu Teatro”, que trazem no ano de 2017 uma série de dados a serem analisados. Ao passo que na terceira e última sessão, A Relação Dos Espaços Não Formais De Ensino Como Complemento À Formação Escolar, analiso a partir da Base Nacional Comum curricular a importância dos centros culturais para o próprio cumprimento da BNCC. Isto, partindo da perspectiva de que a formação de público é uma responsabilidade compartilhada entre os espaços de arte e a escola, como colocado por Denise Grispum (2000).

Nas considerações finais resalto as discussões a que cheguei, as dúvidas, bem como as reflexões e autocríticas, deste trabalho que se origina da minha própria experiência. Com o finalizar da pesquisa é possível notar as fragilidades da maneira como o setor público se organiza economicamente, e a dificuldade de formar público e até mesmo de se reinventar.

¹⁰ Paulo Campinho é petropolitano, formado em pintura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e atua como animador cultural, curador e restaurador no Centro de Cultura Raul de Leoni. É artista plástico e professor de pintura.

2 EDUCAÇÃO PARA O PATRIMÔNIO: SUBLINHANDO AS IMPORTÂNCIAS.

A relação entre as pessoas e o universo simbólico da arte, mais do que uma sensação, é uma relação construída. Neste sentido, os espaços de reflexões das mais variadas formas de arte, são lugares onde esta relação se constrói e se reconstrói. Portanto para pensar uma arte reflexiva, crítica e pensante é necessário que se entenda de que maneira se estabelecem as relações entre estes espaços e as pessoas que os frequentam, ou ainda com as que não frequentam, o “não Público” (BOTELHO, et al, 2012).

Este trabalho explora a subjetividade e a importância simbólica da relação entre os espaços culturais e seus desafios na formação de público. Uma vez que os espaços detêm mensagens a ser passada, porém não conseguem ultrapassar as barreiras de suas próprias paredes, na tentativa de se tornarem espaços mais democráticos.

Em uma trajetória pessoal, pude observar as dificuldades de acesso, muitas vezes simbólicas, destes espaços culturais. Nascido em um bairro carente na região central do município de Petrópolis, frequentei sempre escola pública da rede municipal. Na Escola Municipal Clemente Fernandes, que passei todos os anos do ensino fundamental I e II, havia dificuldade de saída com os alunos para atividades fora do ambiente escolar por falta de meios de transporte, lanche e dentre outras dificuldades materiais. Com isso, raras foram as vezes que a escola teve a oportunidade de nos levar aos espaços que compunham o roteiro cultural da cidade.

Em entrevista Paulo Campinho (2018) discorre sobre as dificuldades enfrentadas pelos professores da rede pública e acesso das escolas municipais aos centros culturais. Além dos problemas com relação à distância e meios de transporte, há também a dificuldade com a alimentação dos estudantes e uma grade horária engessada, que por vezes não permitem a saída do colégio.

A necessidade de dar visibilidade a importantes patrimônios do município - como Museu Imperial, Museu Casa do Colono e a Casa de Santos Dumont- é reconhecida inclusive como política de educação, por exemplo, na disciplina, História, Geografia de Petrópolis e Educação para o Trânsito, que propõe uma forma de fomento a importância e valorização dos patrimônios históricos e culturais de Petrópolis. Como citado por Juliana Winter (2016), na proposta curricular:

Todo o trabalho realizado a partir destes textos deve fazer, dentro do possível, com que o aluno reviva a história. É importante que este enriqueça os conteúdos com novas informações e uma postura ao mesmo tempo reflexiva e crítica. É assim, através da conscientização de seu papel enquanto cidadão deste pedacinho de chão do território brasileiro - conhecido internacionalmente -, que os nossos (as) meninos (as) poderão seguir atuantes no conhecimento e na valorização do nosso patrimônio ambiental, histórico e cultural.

Embora o material contenha uma perspectiva que circunda a história, de forma crítica e reflexiva- acerca, por exemplo, das relações que aqui se constituíram entre os moradores originários e os povos colonizadores – este não cita a existência e a importância de alguns centros culturais de Petrópolis. Tão pouco, a complexa relação étnica, entre o discurso de uma Petrópolis colonizada por mão de obra de imigrantes alemães, mesmo com fazendas de duzentos anos de existência em uma colônia portuguesa no Brasil de mão de escravizada, e todo o processo histórico de invisibilização histórica da cultura negra e suas formações nas periferias (SILVA et al, 2014)

No ano de 2009, no Centro Cultural Raul de Leoni, tive meu primeiro contato com a arte contemporânea. Em uma aula de artes, ministrada pela professora Márcia Totstein, que nos levou até o espaço. Daquele dia em diante, muito mudou sobre a forma que eu enxergava a arte, não com respostas fáceis, mas com dúvidas e questionamentos sobre a arte.

Fomos apresentados a uma exposição escultórica abstrata¹¹, que tinha como objetivo estabelecer as relações entre o equilíbrio, a forma, a geometria e a ocupações dos espaços. O artista, cujo nome não foi possível encontrar, foi nos acompanhando e explicando as relações existentes nas suas obras, com suas proposições e relações com a história da arte. Outros amigos, que como eu nunca tinham ido a estes espaços, saíram de lá com risos e ironias a respeito das obras. E eu, que não havia entendido as proposições daquele artista, isto é, não tinha os conhecimentos prévios das discussões da arte contemporânea.

Somente muito tempo depois, já dentro da Universidade Federal do Rio de Janeiro eu consegui entender o que acontecera aquele dia. Aspectos como o fato de existirem artistas produzindo, são relevantes quando ainda hoje as pessoas associam a

¹¹ Não existe documentação das exposições, nem nenhum documento que fale sobre a galeria neste período.

arte a coisas do passado, desconsiderando personagens e fatos da atualidade. Isso foi um aprendizado que eu absorvi e tento ressaltar para os meus estudantes, pois quando associamos a arte que vivenciamos que está nos repertórios visuais mais simples, é possível entender que a arte não é algo que foi, mas tudo o que é (HERNANDEZ, 2007).

Depois daquele dia, eu pude criar laços cada vez mais fortes com a arte, entendendo-a como um organismo vivo e próximo. A partir de então passei a frequentar o centro cultural, contudo a falta de incentivo, companhia e dinheiro acabaram me distanciando do espaço. Passei a entender aquele espaço como um centro de referência para de reflexões, porém a falta de incentivo de um grupo de pessoas com o mesmo interesse acabou me fazendo optar por outros espaços. Segundo Paulo Campinho (2018) pode ser importante um grupo para frequentar estes espaços. Não utilizando os espaços culturais como um evento, mas parte do cotidiano destas pessoas, uma opção de lazer. Isto pode ajudar as relações afetivas com os espaços de modo a se tornar um público de frequência de médio e longo prazo.

Estas relações de memória são fundamentais para a construção de um pensamento ampliado a respeito da arte, bem como de toda a sociedade. Nesta construção, as escolas têm um papel fundamental. Atualmente, o público escolar representa em torno de cinquenta por cento do público nos espaços culturais. Além disso, essa relação parece tão inata, que desde as concepções dos museus já existem relatos de visitas escolares desde o século XIX. (MARTINS et al. 2013).

A visita de grupos escolares a exposição é, em muitos casos, a roda d' água de museus e centros culturais durante os dias úteis da semana. Não é à toa que essa relação nos parece tão direta e óbvia, já que existem relatos de visitas escolares a museus desde o final do século XIX. Apesar de os educadores terem sido, ainda naquele século, contratados inicialmente para receber o público escolar, é somente a partir da década de 1960 que essas visitas se tornaram corriqueiras (MARTINS et al, 2013).

Em um trabalho produzido pelo instituto Votorantin sob a organização de Martins e com o objetivo de discutir a democratização do acesso aos bens cultural públicos, *Que público é esse?* (2013), é um guia voltado para os museus e centros culturais, pois introduz e contextualiza aspectos históricos e sociais que estes espaços ocupam. Na década sessenta, como mencionado acima, que começaram a serem implantadas políticas voltadas para o público escolar, a seguir algumas reflexões sobre os centros culturais e políticas públicas.

2.1 ACESSO AOS ESPAÇOS CULTURAIS: UMA DIFÍCIL CAMINHADA

Em tempos de crise e de medidas provisórias como a PEC 55¹², que congela os investimentos na área de educação, saúde entre outros e esta medida resulta em uma precarização destas. Se um país não investe em sua própria cultura deixa de valorizá-la. E isto pode ser observado, por exemplo, no caso do Museu Nacional¹³, que devido à falta de investimento e manutenção pegou fogo destruindo o maior museu de história natural da América Latina. Este edifício, ao pegar fogo, acabou por extinguir a memória de povos indígenas, patrimônios geológicos, arqueológicos, paleontológicos, dentre outros.

Deste modo, com a crise econômica, alguns centros culturais de Petrópolis começam fechar as portas, porque não tem subsídio para se manter, os que se mantêm, necessitam da presença do público para manter-se em funcionamento. Porém existe um esvaziamento destes espaços, como apresentam os livros de visita dos últimos três anos do Centro de Cultura Raul de Leoni. São diversos os motivos que separam as pessoas destes espaços. Existem aspectos histórico-sociais, bem como econômicos e simbólicos que impedem o acesso a estes espaços.

Um desses aspectos é a dificuldade do público de se sentir parte destes espaços de culturais. Segundo Gilberto Velho (1999, 124 a 126), quando um observador de qualquer cultura se depara com uma outra, seja quais forem tais culturas, haverá um natural estranhamento, e este muitas vezes pode ser lido ou entendido enquanto exótico. Entretanto, com a familiarização com este novo objeto, cria-se um sentido de familiaridade, o que de certa forma faz se perder o sentido pejorativo e passa fazer parte do nosso cotidiano. Sendo assim, somente no momento em que as pessoas adentram estes espaços é possível fazer daquelas narrativas, narrativas familiares¹⁴. Ou ainda a identificação com os narradores, será que os narradores participam de uma mesma visão

¹² Proposta de Emenda à Constituição nº 55, de 2016 - PEC DO TETO DOS GASTOS PÚBLICOS. Disponível em: <www25.senado.leg.br>. Acesso em: 17 jan 2019.

¹³ Incêndio de grandes proporções destrói o Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista. TORRES et al. Disponível em: <g1.globo.com>. Acesso em: 17 jan 2019.

¹⁴ Por familiar, Gilberto Velho trata as relações construídas depois de um contato em longo prazo com uma cultura (1999, p.124)

a respeito da cultura do que, por exemplo, as periferias? Ou ainda será que as periferias também são narradoras destes espaços?

Grispun (2000) ressalta ainda o fato ou receio das pessoas de não compreenderem as obras que estão presentes nos espaços de arte, principalmente as pessoas mais pobres e menos escolarizadas. E como consequência disto, muitas vezes optam por entretenimentos mais acessíveis (CAMPINHO, 2018).

Neste Município, onde há problemas quanto à locomoção urbana, onde temos uma das passagens de transporte público mais caro do país, com o agravante de ter ainda um dos piores custos benefícios. A mobilidade urbana se torna um possível agravante, para que pessoas que moram afastadas dos grandes centros, não se deslocarem para os centros culturais. Segundo Campinho (2018), as pessoas passam em frente ao Centro Cultural de Raul de Leoni e não entram. O que, contudo, aponta para que estas pessoas estejam conseguindo chegar até este espaço, porém não o visita. Segundo Bourdieu (1997) a bagagem cultural é fundamental para definir quem somos enquanto seres sociais, o que de uma forma geral evidencia os lugares que frequentamos, nossos gostos e preferências.

Um exemplo da bagagem cultural se materializando é a opção de lazer das famílias. Segundo a pesquisa realizada por Denise Grispum (2000, p.105), apenas uma mãe, em três grupos de escolas diferentes, tinha como preferência de opção de lazer visita a museus e exposições. Com isso as crianças acabam sendo apresentadas a estes espaços pelas escolas. E cabe a estas crianças a potencialidade de romper com este ciclo, e contribuir para a família frequentar esses espaços (MARTINS et al, 2013).

Deste modo, quando observamos estudantes de séries iniciais e ou finais, oriundos de escolas públicas, e principalmente filhos de pais de mesma condição, na qual não há um interesse vertical pela frequência destes espaços, cabe então a escola a mediação deste sujeito com os centros culturais para auxiliá-lo no processo de sensibilização e valoração estética, cultural e, sobretudo social. Caberia, contudo ao poder público apresentar as pessoas à importância destes espaços, suscitando que estes espaços são públicos e pertencentes a elas, democratizando desta forma, o acesso destas pessoas.

Segundo a BNCC (2018), está descrita em um dos seis eixos ao qual se divide o ensino da arte: o campo da fruição, permitir ao estudante um momento para refletir, ser atingido esteticamente pelas obras artísticas. Este eixo é fundamental na relação entre os

estudantes e os centros culturais, pois para realizar com qualidade a Base Nacional as escolas precisam acessar os espaços de cultura, e cabe também a estes espaços criar um ambiente propenso a aprendizagem, com monitores, sinalização, acessibilidade entre outros.

Outro aspecto que dificulta o acesso aos espaços culturais são as intempéries de um clima úmido. Este clima danifica as edificações, bem como as obras, e como no Centro de Cultura Raul de Leoni, já houve períodos onde salas de exposições ficaram interditadas por infiltrações contaminações como bolores e fungos. Com todo o processo burocrático, e custos de obras de manutenção, muitos destes prédios apresentam dificuldades de conservação de suas dependências.

Outro fator, complexo é a situação socioeconômica dos indivíduos. Segundo o IBGE¹⁵, o município tem uma complexa divisão de renda per capita, por exemplo, no ano de

2016, o salário médio mensal era de 2.4 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 28.8%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 16 de 92 e 16 de 92, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 648 de 5570 e 529 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 30.6% da população nessas condições, o que o colocava na posição 89 de 92 dentre as cidades do estado e na posição 4562 de 5570 dentre as cidades do Brasil (IBGE, 2017).

Deste modo, a renda de uma parte da população é capaz de superar o déficit orçamentário de 30% das pessoas que residem no município e sobrevivem com meio salário mínimo per capita. Com isso os números apresentam que dos noventa e dois municípios, apenas quinze teriam uma média salarial melhor do que Petrópolis. Porém os números não apresentam a realidade causada pela má distribuição de renda, que faz de Petrópolis o quarto pior município do estado do Rio de Janeiro em renda per capita.

Se atualmente analisamos os espaços culturais com uma visão democrática, como o Centro Cultural Raul de Leoni que não cobra ingresso na maior parte dos seus eventos, mais do que “não cercear” a entrada, é necessário fazer as pessoas entenderem também que é um direito de estarem nestes espaços. E criar mecanismos de as pessoas de baixa renda acesse também a estes espaços.

¹⁵ IBGE Petrópolis. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/etropolis/panorama>>. Acesso em: 17 jan 2019.

3 INSTITUTO MUNICIPAL DE CULTURA E ESPORTES

Para entender os espaços culturais de Petrópolis é necessário entender as hierarquias as quais eles obedecem. A Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis (FCTP) foi criada em 19 de Janeiro de 1994 pela Lei Municipal 5.107. Inicia as suas atividades como uma autarquia da Administração Indireta do Município, responsável pela gestão de políticas públicas para as áreas de cultura e turismo de Petrópolis. A Fundação investe, fomenta, valoriza, preserva, apoia e propõe ações, programas e projetos voltados ao constante desenvolvimento cultural e turístico do Município.

A Fundação manteve-se neste formato até o ano de 2016, com uma mudança para a atual gestão do Prefeito Bernardo Rossi, instituindo no município o Instituto Municipal de Cultura e Esportes (IMCE), que deixou de ser uma autarquia, para trabalhar sob tutela da prefeitura.

Outra grande mudança na nova gestão é a desvinculação da cultura com o turismo, e a vinculação com os esportes. Isso permitirá, em tese, um maior cuidado interno de promoção de cultura no município. Assim o Turismo, que é uma importante atividade econômica para o município, poderá contar com uma equipe para promover estratégias de desenvolvimento para a região. A sede administrativa da antiga FCTP, agora IMCE fica no Centro Cultural Raul de Leoni, que é um espaço multifuncional com galerias, um cinema, um teatro e a Biblioteca Central Municipal Gabriela Mistral – a 3ª maior do Rio de Janeiro – todos gerenciados pela IMCE. Deste modo, quando busquei contato, para levantamento de dados e pesquisa sobre os patrimônios, tive contato com Arthur Varella Superintendente¹⁶ municipal de cultura, que prontamente se dispôs a participar de uma entrevista¹⁷

3.1 SUPERINTENDÊNCIA DE CULTURA DO MUNICÍPIO

No dia 15 de outubro de 2018, realizei entrevista com Arthur Varella, Superintendente de Cultura do Instituto Municipal de Cultura e Esportes (IMCE), a respeito das políticas públicas do município para a formação de público, bem como

¹⁶ Arthur Varella deixou o cargo de Superintendente de cultura no dia 04 jan 2019. <www.tribunadepetropolis.com.br> acesso em: 14 jan 19.

¹⁷ Entrevista completa em Anexo.

políticas de desenvolvimento cultural. A entrevista se deu por aproximadamente dez minutos, onde de maneira bem objetiva o mesmo explanou um panorama geral da gestão, e, sobretudo, suas ideias a respeito da cultura no município:

Meu nome é Arthur Varella, eu estou no momento ocupando o cargo de superintendência de cultura aqui no Instituto Municipal de Cultura Esporte. É a terceira vez que ocupo um cargo na área da cultura, tendo em vista que a minha vida foi basicamente devotada, em especial ao teatro, mas eu tenho muita passagem do Samba, pelas artes plásticas também então sempre foi uma pessoa da cultura e volta e meia eles me chamam aí para trabalhar um pouquinho no poder público (VARELLA, 2018)

A formação plural Arthur Varella pode propiciar para o IMCE uma visão mais democrática a respeito das múltiplas linguagens artísticas. Deste modo, como sugere o plano diretor, aprovado no ano de 2014, no eixo sete, será possível:

desenvolver políticas culturais que respeitem e valorizem a diversidade cultural, o pluralismo e a defesa do patrimônio natural, construído e imaterial, ao mesmo tempo em que promovam a preservação da memória e a transmissão das heranças naturais, culturais e artísticas, assim como incentivem uma visão aberta de cultura, em que valores solidários, simbólicos e transculturais estejam ancorados em práticas dialógicas, participativas e sustentáveis¹⁸.

Segundo Arthur Varella (2018), é possível notar que pelas próprias características e especificidades de Petrópolis, a colocam em um lugar de destaque na região. Ele atribui a isso, aspectos históricos como o palácio de veraneio de Imperador (atual Museu Imperial) e o fato de ter também se concentrado aqui a primeira república e a chegada das colônias alemães que trouxeram elementos culturais na música, na arquitetura e nas tradições.

Sobre estas características herdadas, a cidade possui muitos pontos turísticos¹⁹, muitos patrimônios tombados pelo IPHAN por sua importância histórica e cultural²⁰. E o fato Petrópolis não ter deixado de ser a capital do Brasil durante os verões no início da república, foi uma tradição que se manteve inclusive, até a mudança da capital para o interior do país com a fundação de Brasília no Distrito Federal em 1960 (WILBERT, 2015).

¹⁸ Plano diretor de Petrópolis aprovado no ano de 2014. Disponível em: <Petrópolis.rj.gov.br>. Acesso em: 17 jan 2019.

¹⁹ Pode-se encontrar no município residências de veraneio dos Barões, Casa do Colono Alemão, Casa Santos Dumont, Palácio de Cristal, Museu Imperial, Catedral São Pedro de Alcântara entre outros.

²⁰ Conjuntos paisagísticos da Avenida Koeler, Praça Rui Barbosa, Avenida do Imperador e etc.

Contudo, eu esperava que o sentido fosse levado para o viés econômico da cidade, apontando as produções, eventos dentre outros, que movimentam o turismo e movimentos pelo qual a economia do município gira. Em outra conversa, informal, o mesmo se referiu, por exemplo, aos grandes eventos, tais como Bauernfest (festa da cultura alemã) e Natal Imperial, evento de iluminação pública com muitos shows de luzes nas noites da cidade, o qual o público, segundo ele, mais de noventa por cento do público são petropolitano.

Quando questionado sobre as atuais políticas do município para fomento e manutenção de público nos espaços culturais de Petrópolis, Varella aponta para uma série de políticas voltadas para as praças públicas. Ele acredita que, desta maneira é possível atingir aos grandes públicos na democratização da cultura. Levando em consideração o público presente nas periferias onde estas praças públicas se localizam, é de fato muito importante esta política, e o papel do estado é garantir a democratização da cultura. Entretanto, pode-se observar uma questão: Quais são os tipos de obras de arte, tipos de apresentações e espetáculos que chegam, ou ainda, que cabem no formato das praças públicas. Esta é a preocupação que passa a existir, no passo do que já foi dito com relação à priorização desta ou daquela linguagem artística. Neste sentido, ainda cabe ressaltar uma questão, muito cara a cultura, que é o esvaziamento dos espaços.

É possível afirmar que existe um processo de democratização com as apresentações indo às periferias²¹, aumentando o alcance de público, tirando o público da sua zona de conforto, oferecendo uma outra perspectiva em relação ao entretenimento e a cultura. Contudo, existe a necessidade de ir até os aparelhos culturais, as políticas públicas não devem ser somente em eventos ocasionais, mas também na democratização do acesso das pessoas a estes espaços. Além de um direito, cabe ressaltar que é um espaço de troca de experiência e saberes (MARTINS, 2013)

O superintendente propõe que toda a população, inclusive dos bairros mais afastados do centro da cidade, tenham acesso às diversas manifestações culturais, entendendo que os centros de cultura são um ponto agregador e difusor das muitas culturas, o acesso a esses espaços significa também a aproximação das diversas culturas. Porém Paulo Campinho (2018) resalta o esvaziamento do Centro de Cultura Raul Leoni e também do Theatro D. Pedro, segundo ele “precisamos ter a cultura como

²¹ Periferias no sentido de bairros distantes do centro.

referência de lazer, como parte ativa de nossa vida”. Tão necessário como a cultura romper suas barreiras e sair dos centros culturais para as ruas é que as pessoas rompam suas barreiras e adentrem aos espaços de cultura. Deve-se cumprir, conforme o próprio Ministério da Cultura (2009), a garantia de acesso igual aos bens culturais e:

Ações a serem incluídas na proposta, conforme a natureza desta, que tenham como objetivo promover igualdade de oportunidades ao acesso e fruição de bens, produtos e serviços culturais, bem como ao exercício de atividades profissionais. Democratizar o acesso pressupõe atenção a camadas da população menos assistidas ou excluídas do exercício de seus direitos culturais por sua condição social, etnia, deficiência, gênero, faixa etária, domicílio, ocupação (BRASIL, 2009).

Outros aspectos interessantes quando pensamos em políticas públicas de cultura em praças é a respeito das limitações destas proposições. Estes espaços, suportes acabam por privilegiar algumas atividades culturais como a música, a dança e o teatro. Contudo cabe ressaltar a importância das artes visuais, a escultura, a pintura e o desenho que estão presentes dentro das galerias. Segundo Arthur Varella, foi realizada uma mostra de pintura, de tema bíblico, com estudantes da rede municipal na Galeria Djanira no mês de setembro. E que outras escolas vieram prestigiar a exposição. Este é um aspecto interessante, pois aproxima o público do fazer do fazer artístico.

Na parte final da entrevista, o superintendente mencionou alguns pontos que são importantes para a nossa pesquisa: A relação e diálogo entre o IMCE e a Secretaria de Educação e a importância do mediador destes espaços com os estudantes e os (as) professores. Isto é, as escolas e os setores vinculados a cultura podem construir coletivamente um projeto de formação de públicos. Para tal é necessário conhecer as demandas de ambos os espaços.

Segundo Paulo Campinho (2018), em sua experiência como curador e animador cultural, não é tão simples, receptividade das escolas, bem como a presença destas nas exposições. Ele percebe que depende muitas das vezes, da iniciativa individual da ou do professor (a), e raramente de políticas que poderiam facilitar esse acesso. Ainda sim, a escola é o principal incentivador do público geral destes espaços.

3.2 CENTRO DE CULTURA RAUL DE LEONI

Figura 1– Fachada do prédio do Centro de Cultura Raul de Leoni.



Fonte: Fotógrafo: Diogo Oliveira (2018).

Na imagem acima podemos observar a fachada do prédio onde funciona o Centro de Cultura Raul de Leoni. Como observamos é um prédio que tem uma relação muito grande com a natureza, sendo totalmente cercado por ela. Parte da pesquisa foi escrita e pensada ocorreu dentro do próprio Centro Cultural, na Biblioteca Gabriela Minstral. Fundada em 30 de janeiro de 1977, seu nome homenageia Alceu Amoroso Lima²². No ano de 1990, seu nome foi alterado para Tristão de Athayde, pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, em alguns de seus livros e documentos. E finalmente, em 1999, o centro Cultural passa a se chamar Centro de Cultura Raul de Leoni²³ nome que se mantém até os dias atuais.

Suas dependências, o prédio inteiro é dedicado a cultura. É o maior do interior do estado. Tem três andares, com a fachada feita de concreto com vidro fumê, na década de 80 é tombado pelo IPHAN como patrimônio histórico do município. Em suas

²² Alceu Amoroso Lima (1893-1983), poeta petropolitano de pseudônimo Tristão de Ataíde foi um reconhecido crítico e membro da Academia Brasileira de Letras. Disponível em <www.literaturabrasileira.ufsc.br>. Acesso em: 17 jan 2019.

²³ Raul de Leoni (1895-1926) foi um poeta do município de Petrópolis. Disponível em: <www.literaturabrasileira.ufsc.br>. Acesso em: 17 jan 2019.

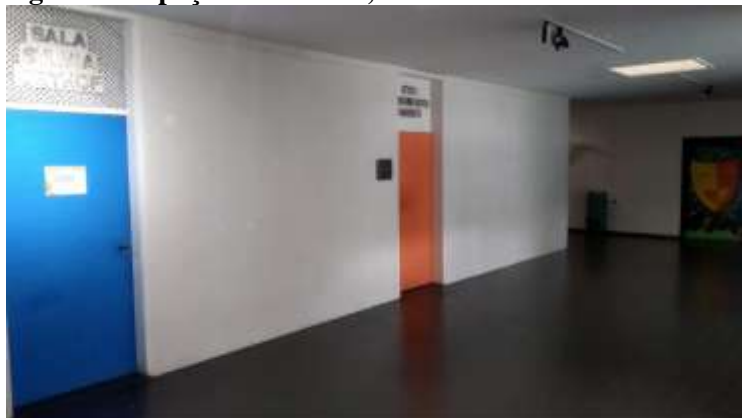
dependências, está o Teatro Afonso Arinos, com seus 150 lugares, onde recebe apresentações de teatro, música e dança. Também funciona no prédio a Biblioteca Municipal Gabriela Mistral, considerada a terceira maior do estado, com grande acervo raro e que também disponibiliza publicações em braile. A estrutura conta ainda com o Cine Humberto Mauro, com 56 lugares, exhibe programação gratuita de filmes nacionais e internacionais selecionados pela Fundação Municipal de Cultura. Já na sala de música Guiomar Novaes acontece os ensaios do Coral Municipal de Petrópolis além de aulas de música e dança.

Já as três salas de exposição do Centro Cultural são as galerias Djanira, Van Dijk e Aloysio Magalhães, além do chamado Espaço Alternativo, o corredor do Centro Cultural, recebem exposições de artistas nacionais, durante todo o ano. O Centro de Cultura possui ainda um centro de informação ao turista e uma sala de internet comunitária. O prédio também é sede da Fundação de Cultura e Turismo e da Biblioteca Municipal (Secretaria Estadual de Cultura).

O cinema apresenta programação gratuita em formato de cineclube de filmes atuais e antigos: por exemplo, no mês dos dinossauros, todo os finais de semana anteriores a exibição nos cinemas de Jurassic World, foram exibidos os filmes da franquia “Parque dos dinossauros”. O mesmo aconteceu com Chaplin, Star Wars e tantos outros. Além dos filmes de circuito de cinema habitual, ou seja, uma programação bastante plural. O meio de divulgação utilizado é principalmente o Facebook, onde é divulgada a programação do espaço assim como discussões sobre cultura e os atuais filmes do mercado.

As Galerias Djanira, Van Dijk e Aloysio Magalhães, têm suas ocupações por meio de editais, lançados bimestralmente, com o intuito de democratizar os espaços. Até mesmo os corredores. O corredor principal do terceiro andar é chamado de Espaço Alternativo. Este é um espaço que recebe as mostras com diferentes curadorias, e transformado em mais um espaço de transição e imersão até a chegada nas salas de aula, como podemos observar na imagem abaixo.

Figura 2- Espaço Alternativo, no Centro de Cultura Raul Leoni.



Fonte: Fotógrafo: Diogo Oliveira (2018).

Apenas a sala Aloysio Magalhães atualmente não está recebendo exposições, pois está nela, armazenada, um quadro de Djanira, aguardando para o restauro. Segundo Paulo Campinho (2018), isso já dura dois anos, desde a entrada da nova gestão.

O centro cultural conta ainda como espaço social muito importante, onde ocorrem os fóruns públicos, de diversidade étnica e acessibilidade urbana para pessoas com deficiência. Nestes espaços, ocorrem debates juntamente aos secretários e representantes da câmara municipal com intuito de diminuir as distâncias entre o legislador e o povo.

Outra função especial do centro cultural são as aulas e oficinas gratuitas que abrem todos os anos, com aulas de balé, capoeira, teatro, circo, oficinas de contação de história e etc. O espaço concede ao público uma diversidade de atividades voltadas aos estudantes de ensino fundamental matriculados na rede municipal.

Como citado, existe uma dificuldade material de levantamento de dados de público do centro de cultura. O único documento que podemos nos apoiar foram os livros de assinaturas situadas no interior das salas de exposições para o controle do público que acessa estes espaços. Embora estes dados não sejam uma representação exata - uma vez que, não são, por vezes, reconhecidas como documentos pelo público e por isso são pixados, desenhados, rasgados ou ignorados- podemos ter uma ideia do número de visitas recebidas. Este método de controle de público, segundo o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) é o método de contagem de público mais utilizado pelos

museus do Brasil²⁴. Estes dados foram levantados dos últimos três anos. Este recorte foi escolhido pela mudança de gestão na troca da prefeitura, e as respectivas mudanças da Fundação de Cultura e Turismo de Petrópolis para o Instituto Municipal de Cultura e Esporte.

A tabela abaixo apresenta os números de exposições realizadas nas galerias do centro de cultura Raul de Leoni, com a exceção da Galeria Aloísio Magalhães, que está fechada com uma pintura de Djanira. Deste modo, os presentes números são relativos as Galerias Djanira, Van Dyck e o Espaço Alternativo. No ano de 2016 houve uma quantidade considerável de exposições, quase todos os meses do ano com todos os espaços de mostras ocupados.

Quadro 1 - Número total exposições realizadas nas galerias do Centro de Cultura Raul de Leoni²⁵.

| | 2016 | 2017 | 2018 |
|--------------|-------------|-------------|-------------|
| Total | 31 | 11 | 7 |

Fonte: dados disponíveis nos livros de visitasões destes espaços.

Porém logo no ano seguinte, no primeiro ano da gestão como IMCE estes números caem a quase um terço das exposições. Segundo Paulo Campinho (2018) isso ocorreu, pois houve menos procura para os artistas para solicitação dos espaços, uma vez que o Centro de Cultura não produz as exposições, mas analisa os projetos e auxilia a viabilidade cedendo o espaço. Entretanto, a tentativa de democratizar este espaço e incentivar artistas não só locais, a expor suas obras.

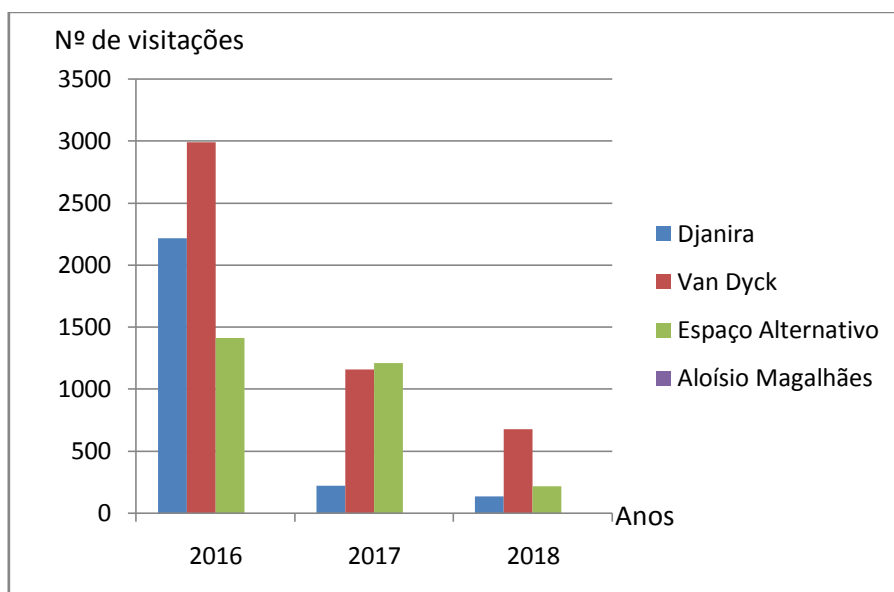
No terceiro ano, o centro de cultura apresentou apenas sete exposições, com três espaços disponíveis. Isso confirma a visão das políticas públicas da gestão do IMCE de levar as ações culturais para as praças públicas (VARELLA, 2018). Analisando a saída das mostras das galerias, qual o dano para a formação de público? O gráfico abaixo representa o número de visitasões às galerias e no Espaço Alternativo de centro de cultura. Outro aspecto a ser analisado foi a mudança de entrada da Galeria Djanira, que deixa de ser um alvo para as pessoas que transitam nas ruas mais movimentadas. Outro

²⁴ Dados retirados do relatório disponibilizado anualmente pela Coordenação-Geral de Sistemas de informação Museal do Instituto Brasileiro de Museus de nome, Formulário de Visitação Anual 2017. Disponível em: <WWW.museus.gov.br>. Acesso em: 18 jan 2019.

²⁵ Como galerias do Centro de Cultura Raul de Leoni estarei levando em consideração as galerias Djanira, Van Dyck e o Espaço Alternativo.

aspecto a ser analisado foi a mudança de entrada da Galeria Djanira, que deixa de ser uma alvo para as pessoas que transitam nas ruas mais movimentadas.

Gráfico 1- Número de visitas às galerias do Centro de Cultura Raul de Leoni.



Fonte: dados disponíveis nos livros de visitas destes espaços.

Como podemos observar a queda no número de visitas às galerias é significativo. O Espaço Alternativo foi o que melhor se manteve na transição de gestão, mantendo-se na média de 1500 visitas. O espaço que sofreu o pior golpe foi de fato a Galeria Djanira, como foi mencionado acima, não se poderia prever que o impacto seria tão forte. Mas a ausência de um mediador na galeria, a deixava muito exposta. Isso anteriormente não ocorria, pois funcionava um ponto de informação turística, que embora não fosse sua função a de vigiar, este profissional funcionava como uma referência para coibir possíveis práticas de vandalismo (CAMPINHO, 2018).

Por fim, no ano de 2018 as visitas nestes espaços caem ainda mais, chegando a 1.036 visitas. Este número é muito baixo, pode-se observar a importância das exposições para trazer as pessoas para dentro deste espaço. Não existem dados do tempo exato em que estas mostras ficaram disponíveis para visita, mas a média de público, dividida pelos dias do ano chegam a menos de quatro visitas em um dia. O que a pesquisa aponta, é um número que não corresponde a realidade do local, afinal ali funcionam a biblioteca, as aulas, o coral e todas as atrações como já foi dito, e se estas mesmas pessoas, as que já permanecem dentro destes espaços visitassem as exposições,

é provável de encontrarmos novos números. Na tabela abaixo, observamos o número das visitas à biblioteca nos últimos anos, seguindo o mesmo critério dos dados acima.

Quadro 2 - Número total de visitas à Biblioteca Central Municipal Gabriela Mistral.

| | 2016 | 2017 | 2018 |
|--------------|-------------|-------------|-------------|
| Total | 42.820 | 29.900 | 31.329 |

Fonte: dados disponibilizados são uma média com a catraca e o sistema de empréstimo do livro, disponibilizado pela biblioteca.

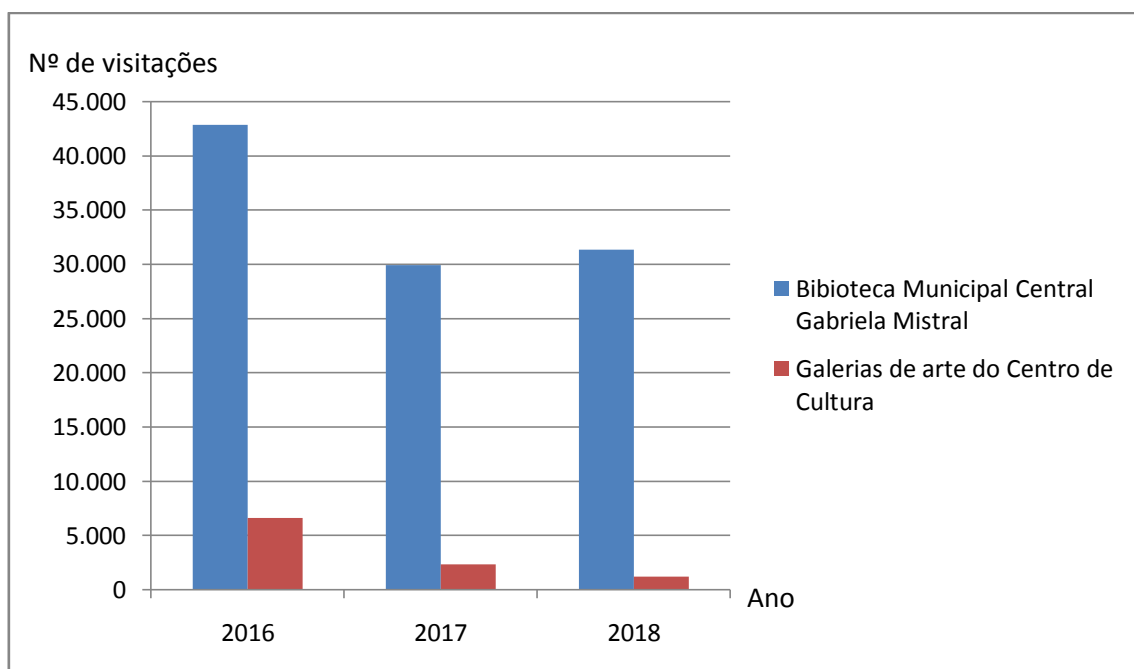
Como podemos observar os números da biblioteca são muito diferentes das galerias. Com uma média de 130 visitas ao dia, o ano de 2016 foi bastante movimentado. Ter uma biblioteca com um número destes de visitas é satisfatório quando pensamos da facilidade de pesquisar em casa, com a evolução da tecnologia da informação. Neste caso, a relação com o espaço, parece ser mais importante do que apenas fazer empréstimo dos livros.

Segundo Maria Luisa Melo, a maioria do público visitante do centro cultural é adolescente, com faixa etária entre 13 anos e 18 anos. Estes visitantes, ainda segundo ela, procuram o espaço para além de realizar o empréstimo de livros, a permanência se dá pelo conforto de um lugar para estudar, o silêncio para ler, a utilização, como já foi dito da rede *wi-fi* da biblioteca. Todas estas pessoas são o público da biblioteca. E se a biblioteca não promove eventos, este público tem um perfil diferenciado, pois mais do que um público pontualmente visitante, são frequentadores.

Pode-se perceber que no ano de 2017, há uma quebra significativa, que no ano de 2018 a biblioteca tenta se reerguer. Segundo MELO (2019) no ano da transição entre as gestões da prefeitura, houve um problema na rede de todo o sistema da biblioteca, deixando-a sem sistema e sem a internet *wi-fi*. Embora este possa ser um motivo que justifique alguns destes números, parece difícil de acreditar em uma queda de visitas de 11.000 pessoas graças ao *wi-fi*. Porém, cabe a gestão entender o momento delicado que se encontra e criar mecanismos para trazer estas pessoas de volta e talvez até mesmo apresentar nas escolas a biblioteca, poderia ser uma medida para a retomada de

público. Contudo, como vemos abaixo a queda das visitas à biblioteca não foi tão grande, proporcionalmente, como a baixa nas mostras realizadas no centro de cultura.

Gráfico 2 - Número total de visitas à Biblioteca Central Municipal Gabriela Mistral comparado ao número total de visitas das galerias e ao Espaço Alternativo do CdC Raul de Leoni.



Fonte: dados dos livros de presença do Centro Cultural, e da catraca e o sistema de empréstimo de livros da biblioteca.

Como podemos observar no gráfico são muito diferentes os números de visitas nos dois espaços. Embora sabemos que o público que vai à biblioteca tem o mais variado perfil e objetivos. Este é um público em potencial, uma vez que as pessoas já estão dentro do centro cultural. Cabe também a reflexão sobre as barreiras simbólicas causadas pelos espaços, que não conseguem atualmente falar com estas pessoas, contudo há também uma desinformação a respeito dos eventos dentro do próprio centro de cultura. A biblioteca poderia fomentar, e incentivar seus leitores a conhecer os outros espaços do centro cultural, mas ainda não o faz.

Outro aspecto que pode ficar para a reflexão é a respeito das estratégias para se reerguer, em público, em atividade. Enquanto a biblioteca teve uma repentina baixa de público e se reergueu, o número das visitas nas galerias e no espaço Alternativo parecem estar em queda e sem previsão de retorno a ativa. Este tem um desafio muito

grande de dialogar, não somente com o público escolar, que aparentemente a biblioteca não tem, mas com a sociedade de maneira geral. Pois a tendência, se não se reerguer é fechar nos próximos anos.

3.3 THEATRO D. PEDRO

Segundo o site da prefeitura municipal de Petrópolis, o Theatro D. Pedro é o primeiro teatro do município. Possui um prédio de estilo eclético e com inspiração na arte-nouveau e na arte-déco como podemos observar na imagem abaixo.

Figura 3– Fachada do prédio do Theatro D. Pedro.



Fonte: Fotógrafo: Diogo Oliveira (2018)

O prédio foi inaugurado em 1933, um ano antes do Theatro D. Pedro, que existia na então capital, Rio de Janeiro e demolido. O teatro foi muito importante para a primeira metade do século XX por ser uma das primeiras áreas de lazer construídas na região central. O edifício foi restaurado e reaberto, em 2003, pela Prefeitura de Petrópolis. Hoje, o teatro é considerado uma referência cultural e artística para Petrópolis, e para todo o estado. No interior do teatro, criado sob os cuidados de Carlos Schaeffer²⁶, há pinturas que mesclam estilos geométricos, mitológicos e futuristas.

²⁶ Carlos Schaeffer foi um arquiteto Petropolitano, sendo considerada a sua maior obra o Theatro D. Pedro.

Este teatro é o mais importante de Petrópolis, pois ele recebe eventos, peças, shows de todos os tipos, ligado ao IMCE. Recebendo, portanto tipos variados de públicos. Com isso o teatro desenvolveu um aplicativo, com o financiamento da Secretaria de Cultura e Turismo (atual IMCE), chamado, Meu Teatro, bem como criou um Sistema Nacional Integrado de Teatro (SNIT) com o objetivo de divulgar as programações existentes no Theatro D. Pedro e também integra as programações de todos os teatros do Brasil que desejam fazer parte deste sistema.

Uma ferramenta muito útil na identificação de cidades culturais que possuem teatros. Cada cidade e teatro tem uma página exclusiva veiculando suas peças em cartaz, facilitando o acesso e o reconhecimento dos teatros do município e sua programação cultural. Dessa maneira, a ferramenta viabiliza à população e turistas informações sobre apresentações locais, sendo também um importante mecanismo de divulgação para os produtores culturais, teatros, estados e municípios (STRAUB, 2017)

Com o objetivo de reconhecer o seu público frequentador, o aplicativo foi lançado oficialmente no mês de novembro do ano de 2017. Este trouxe dados do mês de outubro, com o objetivo de mostrar logo em sua estréia a importância do aplicativo no reconhecimento e fomento do público neste espaço. O resultado da pesquisa foi entregue no dia do lançamento do Sistema e do aplicativo e trouxe dados muito interessantes, tais como: “Só 11% da população das regiões metropolitanas brasileiras frequentam o teatro”. Entender isso é o primeiro passo para compreender como existe uma enorme parcela da população como público potencial para estes espaços, e traçar as estratégias para democratizar o acesso.

Sobre este público o que se sabe é que em pesquisa realizada no mês de outubro com os frequentadores em geral do Theatro D. Pedro pelo aplicativo, descobriu-se que mais da metade do público era composto por mulheres, apenas 40% era do gênero masculino. Percebeu-se também que apenas cinco por cento destas pessoas tinham entre 13 e 24. Ou seja, o menor público foi justamente o público mais jovem.

Quadro 3- Faixa Etária- Geral

| | |
|--------|-----|
| 13- 24 | 5% |
| 25- 34 | 19% |
| 35- 44 | 23% |
| 45- 54 | 23% |
| 55- 64 | 16% |
| 65+ | 14% |

SNIT, 2017

Ainda analisando esta curva observa-se que o grupo, entre 25 e 54 é o maior no público do teatro. Isso pode ter vários fatores, como idade economicamente ativa, mas é válido atentar-se para a ausência do público escolar neste espaço. A maior presença deste grupo, poderia aumentar significativamente os somente 5% de jovens que frequentam o teatro. Os preços dos espetáculos são simbólicos e por vezes gratuitos, por isso fatores como a distância dos bairros e a divulgação da programação são mais relevantes do que o aspecto financeiro, que acaba sendo demonstrado em uma segunda parte da pesquisa do aplicativo, na qual são compiladas as classes sociais das pessoas que responderam o questionário.

Quadro 4- Classe Social- Geral²⁷

| | |
|----|-----|
| A- | 8% |
| B- | 29% |
| C- | 28% |
| D- | 22% |
| E- | 13% |

SNIT, 2017

Os dados mostram que o público do teatro é composto majoritariamente pelas classes que compõe a chamada classe média. Outro dado que chama atenção mostra que somente 5% do público é formado por turistas, o que demonstra uma participação massiva de petropolitano. Entender de forma mais aprofundada as especificidades do

²⁷ Para determinar cada categoria social foi levada em consideração A- mais de R\$: 14.055,00 B- R\$: 4.685 até R\$: 14.055,00 C- R\$: 2.811,00 até R\$: 4.685,00 D- R\$: 937,00 até R\$: 2.811,00 e E- R\$: 00,00 até R\$:937,00 (SNIT, 2017).

público do Teatro D. Pedro serve de base para o entendimento acerca dos freqüentadores de outros espaços do mesmo porte, como é o caso do Centro de Cultura, que ainda não realiza pesquisas deste tipo com o público. Fazer uso destes dados é fundamental para agir em prol da formação de novos públicos dos espaços culturais da cidade.

4 A RELAÇÃO DOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS DE ENSINO COMO COMPLEMENTO À FORMAÇÃO ESCOLAR.

Como vimos, existe uma longa tentativa de articulação de público nos espaços culturais aqui citados. Por mais óbvio que este fato possa parecer, estas tentativas, por muitas vezes são ineficazes, e não conseguem alcançar a todas as pessoas. A atuação docente pode contribuir para a transformação desta realidade, por isso busquei o contato de minha professora de arte do ensino médio, citada no início do texto.

Durante a entrega de um livro utilizado para esta pesquisa, na Biblioteca Gabriela Mistral, na saída, encontrei uma estudante de uma das escolas em que atuo como professor, dentro do Centro de Cultura Raul de Leoni e decidi convidá-la para uma entrevista.

A referida estudante cursa o sétimo ano do Ensino Fundamental II, em um colégio particular no município. Este colégio localiza-se no Centro Histórico, mais especificamente na avenida Koeler²⁸. A distância entre o CdC e o Colégio é de aproximadamente dez minutos andando. Ainda assim, mesmo com a geografia favorável, existe uma série de adversidades que impedem e ou dificultam a ida das escolas a esses espaços. São geralmente de dificuldade material, isto é falta de transporte, a falta de alimentação, a falta de dinheiro para os ingressos, minha experiência esbarrou em outros aspectos, como a burocracia para a saída com os estudantes da escola.

Neste ano, tentei diversas vezes levar os estudantes para os centros culturais. Contudo, consegui levá-los a uma peça de teatro²⁹ no Teatro Santa Cecília³⁰. Em outras oportunidades, onde sugeri visitas gratuitas e próximas do próprio colégio, recebi uma sorte de respostas, entre elas que “Para fazermos um passeio nós temos que pedir autorização dos responsáveis e contratar uma empresa para levar os estudantes”. Devido

²⁸ O conjunto urbano-paisagístico da Avenida Koeler, em Petrópolis, foi tombado, pelo IPHAN, em 1964, e o tombamento estendido em 1980 e 1982. Inicialmente denominada Avenida D. Afonso, este é um dos principais logradouros do plano urbanístico de Petrópolis, criado pelo major Júlio Frederico Köeler. É, também, o patrimônio que se conserva mais íntegro em seus aspectos paisagísticos e urbanísticos. O acervo arquitetônico da avenida compõe-se de exemplares que, na sua maioria, conservam-se íntegros. Disponível em: < iphan.gov.br>. Acesso em 20 Dez 2018.

²⁹ A peça em referência é do grupo NOCABE (No Caminho do Bem) “Até quando viver neste Mundico!?”(2018) Que traz de maneira lúdica o processo de retirada dos sertões em busca de melhores condições e perspectiva de vida.

³⁰ Teatro que pertence a Escola de Música Santa Cecília, localizada no centro histórico de Petrópolis.

à proximidade com estes espaços, alguns destes eventos acabam saindo mais caros, e por serem facultativos, os pais acabam não pagando. O exemplo disso ida ao teatro contou somente com quinze estudantes, com mais de cem possíveis.

Quando estamos falando democratizar o acesso a estes espaços, não estamos falando em medidas isoladas, mas políticas de proteção destes patrimônios. Estamos falando de uma necessidade existente e reconhecida, que pode ser lida na Base Nacional do Currículo Comum (BNCC) observando as considerações presentes nas introduções do que significa o estudo da arte e este componente curricular.

O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas (BRASIL, 2018, p. 191).

Deste modo, estes espaços são por excelência um campo para uma rica troca entre os estudantes, professores e os espaços. Como já foi dito esta intermediação entre os espaços culturais e os estudantes serão muito importante para a sua formação como cidadão, que valoriza a diversidade cultural, bem como seu próprio patrimônio cultural. Segundo a Base comum é fundamental analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo. . (BRASIL, 2018, p. 196), assim como incluir culturas diversas, tais como “[...] matrizes indígenas, africanas e européias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas. (BRASIL, 2018, p.209).

Quando observamos a base percebemos o quão problemático é explorar essa gama cultural, apenas dentro de sala de aula e não vivenciá-la nos espaços culturais. Dentre as diversas maneiras de se afetar os estudantes por outras culturas é por meio de um vínculo afetivo (MARTINS et al, 2013). Este vínculo criado pode contribuir para que os indivíduos sejam público dos espaços culturais.

Embora não possa ser vista enquanto espaço amostral, fiz uma entrevista com a Flora Martins³¹, ela é frequentadora do Centro Cultural Raul de Leoni assim como do Theatro D. Pedro. Esta entrevista não foi programada e aconteceu, pois a encontrei enquanto efetuava a devolução de um exemplar para a biblioteca do centro cultural.

³¹ Flora é estudante do sétimo ano do Colégio Koeler.

Esta entrevista foi muito importante para a pesquisa, pois pude refletir de maneira muito mais abrangente a respeito da importância social deste espaço e problematizar a comunicação deste espaço com os jovens, além de cruzar com outras perspectivas vindas de outras pesquisas.

A estudante estava sentada em meio à escadaria interna do Centro cultural. Após realizar a entrevista, decidi apresentá-la ao espaço. Subi com ela e fui lhe apontando algumas características das obras de artes presentes no espaço, as relações culturais contrastantes, como presente nas imagens, em anexo. Tivemos ali um momento que durante o ano inteiro não conseguimos ter por uma série de fatores, uma série de prioridades que muitas vezes não são observadas na prática do dia a dia.

Segundo ela, ela estava ali apenas “roubando internet” (MARTINS, 2018), porém acredito que a relação com o espaço seja mais ampla, a estudante está sendo afetada pelas obras, ainda que inconscientemente (HERNANDEZ, 2007) a cultura visual está sendo absorvida por ela e ampliando o seu repertório. Petrópolis vende uma noção de cidade européia, levando em consideração apenas a colonização alemã, não refletindo, contudo, a respeito das diversas narrativas culturais aqui existentes. Se segundo Hernandez, a ampliação dos repertórios visuais estão nas narrativas mais simples do nosso dia a dia, deve-se então, lutar pelo reconhecimento não somente deste discurso hegemônico existente na cidade de “cultura européia”, mais a valorização das diversas narrativas visuais, como as periféricas (SILVA et al, 2014) e, por exemplo o quilombo da Itapeva, no distrito de Itaipava. Mas do que citar, trazer estes espaços para dentro do centro cultural, ressignificando seus sentidos, e ampliando suas narrativas visuais, culturais, subjetivas e simbólicas (HERNANDEZ,2007)

Embora a permanência destas pessoas no centro de cultura , que assim como a Flora, não estão potencializando seu aprendizado da melhor forma possível, segundo Paulo Campinho (2018), no sentido de aproveitar estes momentos e transcorrer pelos corredores do centro cultural, em grupos de modo a deixar mais fluida essa relação com os espaços culturais.

As pessoas às vezes então as pessoas passam aqui, passam uma hora, passam meia hora, e não entram para ver o que está acontecendo, não é nem interromper a conversa é você chamar um amigo, chamar a namorada, entrar e conversarem e verem o que “ta” acontecendo. Então eu acho que essa dimensão de você estar presente na Cultura, deixar a cultura fazer parte da sua vida é uma coisa que, eu tenho percebido, esta se perdendo um pouco. (CAMPINHO, 2018)

Se transformarmos em hábito a presença destes jovens dentro destes espaços, estaremos formando justamente este público. Estes jovens que como a Flora, ficam pelas escadas estão, ainda que problematizemos, bem mais próximo de ser um público do que quem não está nestes espaços. Como fazer estes jovens conhecerem a vida orgânica da instituição? Conforme o próprio Campinho (2018) falou em entrevista, é função das pessoas que conhecem, que frequentam, dos artistas, dos membros do centro de cultura, não marginalizar esses jovens porque não acabam de subir e por vezes atrapalham a passagem, mas convidá-los a subir, dar-lhes aquele impulso que por vezes falta.

Outro aspecto importantíssimo é criar um ambiente favorável para este aprendizado. Um ambiente aconchegante para o jovem que vai de forma individualizada, pois este já perde muitas referências indo só, perde em debate, em diálogo sobre o que está posto. Campinho (2018) conta que em sua juventude, o Centro Cultural Raul de Leoni, lugar onde hoje ele é um colaborador, foi o lugar que ele e seus amigos transformaram em referência de lazer e de estudo. Deste modo, as relações que se criam com o espaço, rompem a relação individual, para ganhar uma dimensão coletiva.

Eu, 'até experiência própria' [...] há um tempo atrás marcava aqui no centro de cultura com uma turma. Turma de sair [...] outra conversar, a gente marcava aqui no centro de cultura porque a gente sabia que sempre tinha alguma exposição. A gente visitava a exposição, ou assistia a um filme depois a gente saía, era um ponto de referência (CAMPINHO, 2018).

É possível também acreditar que existe por parte destes jovens, alguma abertura para o próprio espaço, uma vez que poderiam se reunir em qualquer outro espaço. Em entrevista, Flora comentou que também gostava deste espaço para estudar, pois encontrava ali um ambiente favorável aos seus estudos. Esta fala converge para o que Paulo Campinho diz a respeito do sentido social deste espaço. Segundo Maria Luisa³², diretora da Biblioteca Municipal Gabriela Mistral, estima-se que o principal público visitante da biblioteca varie entre treze e dezoito anos. Este é justamente o público escolar que mais movimentava este espaço. Apenas no ano de 2018 biblioteca recebeu cerca de 31.329 visitas em suas dependências.

³² Foi realizado com a Diretora Maria Luisa Melo, uma entrevista no dia 17/01/18 via email.

Ao final da entrevista lhe propus apresentar os espaços, dialogar sobre as obras do acervo permanente. Fui aos poucos lhe explicando com a organização do espaço é muito importante para ser convidativo. Logo na entrada pode se observar as obras de artistas de rua petropolitanos, que trabalham com a linguagem do Grafite, como o “CB”³³, “Ak-47” e “Doug”, que são uma forma muito interessante de transição e diálogo entre as linguagens artísticas, as pinturas e as esculturas. Nos espelhos das escadas um anamorfismo do retrato de Gabriela Mistral, obras neoconcretas, um enorme Painel de Ruy Albuquerque, de sete metros, recém restaurado que ilustram os rituais do candomblé, e têm um espaço privilegiado. Apresentei-lhe as salas de Aulas, o auditório, o teatro e as galerias Van Dyck e Aloísio Magalhães. Ou seja, em diálogo, interagindo, ouvindo-lhe, dividimos mais do que só uma tarde. Dei-lhe mais do que só a internet da instituição, dei-lhe outras possibilidades de lazer, e até mesmo possibilidade de criar uma nova relação com o espaço.

³³ Rodrigo Santana, artista plástico e ilustrador, utiliza linguagem do grafite, participa junto a prefeitura de eventos escolares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apontou para algumas conclusões inesperadas para o meu primeiro olhar. A dificuldade de levantamento de dado levou a reflexões acerca das metodologias e sistematizações de controle de público, como por exemplo, a distribuição de ingressos ainda que para eventos gratuitos. Isto por conta da não exatidão com a qual tive que lidar ao ter como único documento existente, que eram os livros de presença expostos em todas as mostras.

Estas considerações finais foram formuladas em um contexto no qual o Ministério da Cultura fora extinto. Conforme Gil (2015) seu legado, foi muito vinculado às políticas públicas, o fortalecimento da cultura brasileira material e imaterial³⁴. Nós nos percebemos sem referência destas políticas públicas com a extinção do Ministério da Cultura.

O município de Petrópolis que já sofre com uma crise muito profunda, acabará tendo que em algum momento de sua história reavaliar suas políticas públicas culturais. A cidade é muito rica em patrimônios culturais, e estes devem ser validados pela sociedade não apenas como uma disciplina a ser estudada, mas por sua importância histórica que foi o que de fato fez a mesma ser tombada (WINTER, 2016). Será necessário, portanto, criar mecanismos, desde a educação de base, para dar prioridade também aos centros culturais, principalmente com a importância do Teatro D. Pedro e do Centro de Cultura Raul de Leoni e sua relevância apresentada para a cultura petropolitana.

Essas políticas públicas devem levar em consideração também os turistas. Um município com tantas atrações, dos mais variados tipos, deve adaptar em seus circuitos e dar aos visitantes do município também, mais opções de lazer. O Turismo em Petrópolis deve valorizar os centros culturais, principalmente por sua facilidade de acesso, uma vez que o mesmo fica em regiões muito centrais no município.

O Centro de Cultura Raul de Leoni é o terceiro maior do estado³⁵, e tem sempre exposições de artes plásticas e o cine clube semanalmente para apresentar para estes turistas, assim como o público petropolitano pode estar mais próximo destes espaços e acompanhar de perto tudo o que ali ocorre, em aspectos culturais, assim como os sociais também. Um espaço deste porte deve ser parte da vida orgânica desta cidade.

³⁴ Gilberto Gil. Emergências (2015)

³⁵Disponível em: <www.petropolis.rj.gov.br>. Acesso em 18 Jan 2019.

O Theatro D. Pedro da mesma forma. Ainda um passo a frente, o Theatro se destaca por sua pesquisa em relação aos públicos que ele recebe. Explorar suas ferramentas de análise e pensar medidas estratégicas é fundamental para um espaço como este se mantenha com as portas abertas. Como no caso do aplicativo, que apontou que apenas cinco por cento do público do teatro era de turistas³⁶. Cinco por cento de público de turistas é um número baixo para uma cidade turística, sendo assim criar uma ação conjunta entre o IMCE e a secretaria de turismo do município para fomentar a este visitante a inserção à programação do Theatro e do circuito cultural de Petrópolis. Neste sentido, o aplicativo e suas ferramentas são capazes de criar um grande avanço com relação à formação de público, desde que, é óbvio, consiga-se obter verba para isso.

O Instituto Municipal de Cultura e Esporte por sua vez deveria espelhar-se no Theatro D. Pedro, pela iniciativa de pesquisa de público e fazer o mesmo. É importante saber todas as políticas direcionadas para a democratização da arte, mas é necessário, quiçá mais eficaz, criar nas pessoas possibilidades de efetivar novos hábitos de lazer e de cultura. Para tal será necessário fazer com que os espaços descubram a que público eles recebem, e pensar a partir daí, medidas de trazer o público que ainda não frequenta os espaços. É importante criar divulgações mais eficazes, e mostrar para o público, tanto os que entendem a necessidade deste espaço, e o visita esporadicamente, como para aqueles públicos que estão dentro destes espaços, e não fazem visitas por desconhecimento do que ocorre ali. Não se trata de criar uma forma de divulgação, pois estes canais abertos, de fato já existem:

Olha a gente aqui “tá” com uma divulgação legal em termos de imprensa, “tá”? A nossa comunicação social “tá”... Eu sempre passo o material das exposições e ela faz uma divulgação. Por exemplo nos jornais da cidade, tem a página da prefeitura também que tem sempre matéria e é a que a gente sempre trabalha. (CAMPINHO, 2018)

Como dito acima, existem diversas formas atualmente de divulgação, mas caberiam ainda outras para as pessoas que por vezes não estão sendo acertadas por estas formas de comunicação por algum motivo, por exemplo, organização de listas de e-mail, de SMS, páginas em redes sociais, panfletagem ou ainda novas formas, mais eficientes, baseadas em uma pesquisa de público alvo

À medida que o trabalho avançou, ficou evidente a dependência da formação de público pautada nas proposições individuais, isto é, os membros do centro de cultura,

³⁶ Referência a pesquisa de público realizada em outubro de 2017 pelo SINT

que estimulam pessoalmente a participação das pessoas que já se encontram nas dependências do centro de cultura (CAMPINHO, 2018). E também os professores que se organizam para visitar as exposições que ali ocorrem, mesmo sem nenhum incentivo (VARELLA, 2018). Contudo é importante questionar a eficácia das proposições individuais como único método de formação de público, sendo necessárias políticas públicas específicas para este fim, com intuito de fortalecer estes espaços, e fazer se cumprir as funções sociais que estes carregam.

As políticas públicas do município, ao que tange as diversas medidas de fortalecimentos dos centros culturais se demonstram até o momento pouco eficaz ou ineficiente. Parece haver ainda, uma longuíssima barreira entre as secretarias. Secretaria de Educação tem que cumprir a Base Nacional Comum Curricular, Lei nº 13.005, de 25 de junho 2014, e isso converge com a Secretaria de Educação bem como a Secretaria de Cultura existe justamente pela constituição de 1988, que torna dever do estado a promoção da cultura, bem como o acesso a mesma.

Para realizar a pesquisa busquei justamente à Secretaria Municipal de Educação qualquer tipo de documentação sobre políticas de fomento a cultura ligada às escolas do município, porém não havia lá nenhuma documentação que pudessem me informar. Porém, existe uma planilha com as disponibilidades dos motoristas, que fazem o transporte dos estudantes. Este é a única documentação que existe, pois parte das escolas buscam a secretaria, e esta disponibiliza o ônibus. A questão que se apresenta é uma dificuldade de fomentar efetivamente a visita aos espaços culturais, isto é, garantindo e organizando para que os estudantes tenham a vivências destes espaços.

Cabe também aqui minha autocrítica por não fazer parte de forma efetiva dos centros culturais. O fato de ter tido a experiência destes espaços, me mostrou uma gama de possibilidades que provavelmente eu teria de ler em diversos livros, porém aprendi em alguns minutos visitando uma exposição, e este tem de ser argumento para dialogar de forma mais contundente com as instituições escolares quanto à necessidade de romper com o descaso para acessar espaços.

O rompimento tem de vir, enquanto não é produzido as tão necessárias políticas públicas, que de fato serão extremamente mais efetivas, não abdicar do mínimo. Criar redes, fomentar as visitas, ainda que com os pais, ou ainda individualmente dos estudantes, abordar de forma mais convidativa estudantes nesses espaços (CAMPINHO,

2018) dedicar o seu tempo a mostrar a quem passa a importância de conhecer e dialogar a própria cultura.

Cultura refere-se tanto ao modo de vida total de um povo isso inclui tudo aquilo que é socialmente aprendido e transmitido, quanto ao processo de cultivo e desenvolvimento mental, subjetivo e espiritual, através de práticas e subjetividades específicas, comumente chamadas de manifestações artísticas (BARROS, 2007).

Em última instância transformar esta cultura presente nos espaços culturais que acontece de maneira paralela à sociedade, como algo integrante desta. Os veículos de mídia não conseguem ser competitivos com o aparato técnico e ferramental da grande mídia de massa. Portanto as medidas de confrontar estas duas culturas paralelas são, como Gilberto Velho (1980) tratou de modo antropológico, uma forma de criar relações entre duas culturas diferentes. É necessário transformar a arte em algo familiar, presente na vida, sobretudo dos jovens. Para que possam estabelecer seus próprios vínculos, suas próprias relações afetivas.

Deste modo, é necessário abordar dentro dos ambientes escolares as linguagens artísticas. Levar aos estudantes críticas atuais, pensamentos atuais, mostrar a este novo público, que é o principal foco deste trabalho, o quão amplo é a arte contemporânea para muito além de seu campo imagético, mas é também expandido para o social e simbólico (HERNANEZ, 2007). Demonstrar a importância da ocupação destes espaços para ressignificação deste, e trazer novas narrativas, para além das que já são contadas.

Embora nosso trabalho não tenha conseguido por uma série de dificuldades técnicas de levantamento de material, fazer uma análise qualitativa da forma que se esperava. Ele abre uma importante discussão a respeito da fragilidade dos patrimônios culturais, principalmente o Centro de Cultura Raul de Leoni e o Theatro D. Pedro. A ausência de documentos comprobatórios das presenças das pessoas nos centros culturais, bem como esta ausência por parte das instituições que deveriam promover a educação em espaços não formais, coloca em cheque o alcance das medidas tomadas para a formação de públicos.

Ficou evidente nas entrevistas a preocupação dos entrevistados com relação à forma com que atualmente a cultura, de forma geral, está sendo vista pela sociedade. Muito aquém dos potenciais destes espaços, estes têm se mantido de pé graças às pessoas que trabalham com a cultura, que da forma que conseguem fomentam a formação de público nestes espaços. A ausência de políticas públicas específicas faz

com que se destaquem as tentativas individuais tanto dos centros culturais, quanto das escolas para fomentar estes espaços

A partir desta pesquisa podemos observar a disponibilidade e a tentativa de democratização dos centros culturais. São medidas individuais, de professores e colaboradores que sustentam estes espaços culturais atualmente. O problema posto é a médio e longo prazo, até onde alcançam estas proposições individualizadas. Sendo necessário, portanto criar políticas públicas para a formação de público destes espaços e a valoração deste patrimônio cultural.

Como analisamos são necessárias proposições de controle para a documentação mais precisa. Também são possíveis medidas como distribuição de ingressos, ainda que em eventos gratuitos, para controle de público. Deve-se garantir juntamente da secretaria de educação, que mesmo as escolas mais distantes consigam acessar estes espaços. Contudo, fica também a mediação e as tentativas de conexão entre os espaços escolares e os culturais. Que esta pesquisa consiga fazer a reflexão e uma luta pela proteção destes bens culturais, com potenciais tão elevados, mas que, atualmente têm um alcance tão reduzido.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. Capital Cultural, Escuela y Espacio Social. México: SigloVeinteuno, 1997

CAMPINHO, Paulo. “Centro de Cultura Raul de Leoni”. Entrevista. Entrevistador: OLIVEIRA, Diogo de. Petrópolis-RJ. 28 Dez. 2018. 21:01 min.

Diário de Petrópolis. Diário de Petrópolis. Conselho Municipal de Cultura tem novo presidente.2017.<<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/conselho-municipal-de-cultura-tem-novo-presidente-112060>> Acesso em: dez 2018.

GRINSPUM, Denise. Educação para o Patrimônio: Museu de Arte e Escola Responsabilidade compartilhada na formação de públicos ,Usp, São Paulo, 2000

HERNANDEZ, Fernando. “Catadores da cultura visual- transformando fragmentos em nova narrativa educacional” / Porto Alegre. Mediação, 2007

MARTINS, Luciana C. et al. “Que público é esse? Formação de públicos de museus e centros culturais”– 1. ed. – São Paulo: Percebe, 2013

MARTINS, Flora. “Biblioteca Central Municipal Gabriela Mistral”. Entrevista. Entrevistador: OLIVEIRA, Diogo de. Petrópolis-RJ. 23 Dez. 2018. 13:17 min.

Petrópolis (RJ). Prefeitura. 2017. Disponível em: <<http://www.petropolis.rj.gov.br/pmp/index.php/imprensa/noticias/item/7814-lan%C3%A7ado-o-sistema-nacional-integrado-de-teatros-em-petr%C3%B3polis.html>> Acesso em: set 2018.

Petrópolis (RJ). Prefeitura. 2018. Disponível em: <www.petropolis.rj.gov.br> Acesso em: set 2018

Secretaria Estadual de Cultura, sem data. Disponível em

<<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/centro-de-cultura-raul-de-leon>> Acesso em: out. 2018.

SILVA, JERMO C.da, et al. “Produção de subjetividade e construção do sujeito”. Rio Grande do Sul. Barbarói, 2011.

VARELLA, Arthur. “Superintendência Municipal de Cultura”. Entrevista. Entrevistador: OLIVEIRA, Diogo de. Petrópolis-RJ. 15 Out. 2018. 09:28 min.

VELHO, Gilberto. “ Observando o Familiar ”. In: ___.Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

WILBERT, Marianne. Diário de Petrópolis, 2015. Disponível em :<<http://www.aconteceempetropolis.com.br/2015/07/26/historia-palacio-rio-negro-casa-de-veraneio-dos-presidentes/>> Acesso em: out 2018.

ANEXO I

Entrevista Arthur Varella

“Queria” primeiro saber o nome do senhor e o cargo que o senhor ocupa?

- Meu nome é Arthur Varella, eu estou no momento ocupando o cargo de superintendência de cultura aqui no Instituto Municipal de Cultura Esporte. É a terceira vez que ocupo um cargo na área da cultura, tendo em vista que a minha vida foi basicamente devotada, em especial ao teatro, mas eu tenho muita passagem do Samba pelas artes plásticas também então sempre foi uma pessoa da cultura e volta e meia eles me chamam aí para trabalhar um pouquinho no poder público.

Qual é, na sua opinião, o espaço que a cultura ocupa dentro do desenvolvimento de Petrópolis?

-A própria história da cidade, ela é intimamente ligada à cultura, pelas características topográficas, pela situação dela na região, pela serra aonde ela veio ser ocupada. Ela tem duas características e aí fundamentalmente pela existência do Palácio Veraneio do Imperador ela foi sempre um centro de referência da aristocracia, primeiro, e depois da segunda aristocracia ligada à república ela concentrou na cidade, além da colonização alemã, que trouxe diferencial, esses elementos que fizeram dela uma cidade especial na arquitetura, na música enfim em vários outros outras formas de expressão da cultura.

Quais são as atuais políticas do município para fomento e manutenção de público nos espaços culturais de Petrópolis?

-Então nos dois últimos anos 2017/18 quando um novo governo se instalou e essa equipe nova veio para cá, nós primeiro tentamos recuperar algumas das perdas que a gente teve nos anos sucessivos, os Espaços mesmos e as Praças. É basicamente a gente tem uma atuação de ventos é maciçamente nas praças públicas. Claro que a gente tem equipamentos como Centro Cultural e Teatro Dom Pedro e outros centros culturais nos distritos, mas Digamos que 80% da nossa atividade tem sido nas praças públicas razão pela qual, isso de alguma forma isso democratiza e esses eventos e esses espetáculos.

Quais são os incentivos as escolas municipais e estaduais para frequentar esses espaços culturais? Existe algum incentivo específico para as escolas mais distantes? No caso, como você falou, que existem espaços dentro dos distritos.

-Existem centros culturais em Nogueira, o CEU da Posse, enfim. Esses espaços estão dentro das próprias comunidades e eles na verdade agitam muita, muita e de certo fazem uma descentralização bastante interessante e oferecem oportunidades de encontros de reflexão cultural nesses pólos específicos. Além do que é o primeiro distrito com seus espaços maiores: Palácio de Cristal, Praça Liberdade, aqui mesmo na Praça Visconde de Mauá. O próprio centro oferece muito, muito, como eu te disse: 80% dos nossos eventos são em praça pública, portanto gratuitos e que chamam os moradores nos bairros, de todo ponto da cidade. É o simples fato da gente levar isso para praça pública, portanto sem ingresso de incentivo e tanto. Não esquecendo também do Parque Municipal Itaipava congrega também muita gente naquela região.

Na sua opinião Quais são as políticas que ainda podem ser feitas para convidar esse público mas periféricos para principalmente espaço de artes plásticas, por exemplo, esses eventos como o senhor disse são bastante ligados ao teatro, a música, e eles tem um apelo popular mais forte né? As artes plásticas “ela” geralmente foram tratados como se fossem coisas da elite. Um exemplo disso é o público que frequenta grandes Galerias no Rio de Janeiro, São Paulo é um público mais elitizados. Digamos assim.

-Sim

Existe algum fomento para trazer para estes espaços? Por exemplo o Centro cultural Raul de Leoni tem um espaço voltado para as artes plásticas, temos o espaço InterTV, não recordo de outros espaços aqui no centro.

-Olha, frequentemente os próprios dos espaços da “Secretaria de Cultura” do instituto, aqui centro cultura, são procurados pelas escolas municipais. Semana passada teve uma exposição aqui só de alunos da rede pública sobre aspectos diferenciados da Bíblia. Tivemos aqui mais de 30 crianças expondo seus trabalhos de artesanato sobre algum tema que deve ter se dado lá, então é muito comum que as redes utilizadas para promover trabalhos nessa área que você está falando. É tem uma coisa aqui que é pensamento meu, que às vezes gera muita polêmica. a gente falar muito o seguinte:

“que puxa, tem que levar a cultura nas periferias” eu pergunto por quê? Porque temos que levar cultura? A própria periferia, ou qualquer região, qualquer comunidade tem a sua própria eu não acredito em exportar a cultura aristocrática para as classes pobres, “ta” entendendo? Não acredito nisso. O que eu acredito é que cada um faz a cultura possível dentro da sua capacidade ver o mundo, dentro da sua vontade de expressar isso, porque caso contrário a gente “ta” fazendo colonização cultural, então acredito muito nisso. Quer dizer, o poder público jamais deve ser produtor de cultura ele deve no máximo fornecer espaços, meios, ensinamentos, possibilidades de evolução técnica nas várias questões. Agora, jamais interferir e ditar o caminho que cada povo deve seguir para ter capacidade para expressar culturalmente.

Muito interessante isso. É muito legal que você falou de ceder o espaço para escola pública. De estar expondo...

-Neste sentido a gente tem uma permanente relação com a secretaria de educação porque ela tem poucos espaços. Ela tem alguns espaços nas escolas, mas quando ela quer tornar mais público, ela frequentemente recorre a gente para ... que temos espaços mais adequados, não só aqui mas também a sala Afonso Arinos e outros espaços pra mostra de alunos, que estão caminhando por aí.

E quando acontece esse tipo de Exposição existe alguma divulgação pela própria secretaria, ou secretaria de cultura ou a secretaria de educação para fomentar e incentivar que outras escolas venham conferir o trabalho que está sendo feito?

-Claro, claro, claro.

-Normalmente tem visitas aqui. É muito interessante também a gente observar que há muita visita escola pública no próprio centro de cultura e às vezes até de exposições que você não.. de adultos, normais, dos artistas da cidade e de repente você vê uma galera estudantes da rede pública é conduzido pelas professoras para, para tomar conhecimento desses trabalhos estão por aí eu acho muito bacana isso porque o que importa é na área cultural é o saber mesmo, né? Então quanto mais informação a gente tem, mais a gente, “mais a gente” adquire capacidade de mudar o mundo que eu acho que é o que todo mundo anda atrás.

Entrevista Flora Martins

Boa tarde qual o seu nome?

-Flora.

O que você faz da vida flora?

- Eu estudo no Fundamental 2, e faço dança e eu estudo língua inglesa, e “só”.

O que você veio fazer no centro cultural Raul de Leoni?

-Eu estou esperando dar um tempo da minha psicóloga “roubando” internet da biblioteca.

Você costuma vir sempre aqui?

-Sim.

O que mais você vem fazer aqui?

- Eu costumo ler livros aqui e fazer de deveres e essas coisas.

Você sabe tudo que acontece dentro do Centro Cultural?

-Não.

Você conhece alguma das oficinas ou aulas que são fornecidas aqui dentro?

-Eu conheço só q biblioteca. Eu acho.

Você viu que no espaço acima, no segundo andar, tem salas de exposições de artes

-nunca tinha visto

Durante seu período escolar, até você chegar ao sétimo ano, alguma escola ou algum professor já teve a iniciativa de te trazer ao centro cultural Raul de Leoni?

-não

Você gosta de teatro?

-Gosto, eu já fiz teatro

Você já foi ao Theatro D.Pedro?

-Já!

Quando foi a última vez que você foi ao Theatro D.Pedro?

-Há umas duas semanas atrás.

O que você foi assistir no Theatro D.Pedro?

-Eu fui fazer uma apresentação.

- Você que se apresentou?

-”uhum”.

Sobre o que era sua apresentação?

-Era uma apresentação de dança sobre o tempo da vida, tipo os momentos da nossa vida.

Você tem o intuito de ser atriz?

-Não, acho que eu fazia teatro para passar o tempo mesmo e para tirar um pouco da vergonha que eu tinha.

Para você qual a importância dos centros culturais na sua vida?

-Eu gosto de estudar a cultura do lugar que eu “tô”. Sabe, tipo da cidade que eu moro e dessas coisas assim. Eu gosto de, eu como passo muito tempo a biblioteca. Eu gosto de ir à biblioteca, às vezes eu pego um livro e eu fico vendo o que tem nele e essas coisas assim, sabe para estudar mais sobre cidade.

Obrigado pela entrevista, muito legal.

Entrevista Paulo Campinho

Boa tarde, qual o seu nome e qual cargo você ocupa?

- Eu sou funcionário da secretaria de cultura, no caso Instituto Municipal de Cultura e Esporte, meu nome é Paulo Campinho. Aqui a minha função é animador cultural. Eu especificamente trabalho com as artes visuais mais proximamente às Galerias. Às vezes eu faço alguma curadoria, mas normalmente eu trabalho com a parte da própria burocracia da exposição. Entro em contato com os artistas. E eu participo da montagem e desmontagem delas.

Existe alguma maneira de divulgação? Como é feita o processo de trazer as pessoas até essas exposições que você organiza ou você expõe?

- Olha a gente aqui “tá” com uma divulgação legal em termos de imprensa, “tá”? A nossa comunicação social “tá”... Eu sempre passo o material das exposições e ela faz uma divulgação. Por exemplo, nos jornais da cidade, tem a página da prefeitura também que tem sempre matéria e é a que a gente sempre trabalha.

Você tem alguma experiência de trazer as escolas para esses espaços, que você poderia contar para gente?

-Eu há um tempo eu fiz a curadoria de três artistas de Petrópolis que eu conhecia, que eram recentemente falecidos. Eu achei interessante mostrar para a cidade que a nossa cidade tem artistas, posso dizer até da arte contemporâneos, que faleceu há pouco tempo atrás e a obra muito interessante. Então quando foi feita essa montagem da exposição eu convidei um professor do Colégio Dom Pedro II e ele trouxe algumas turmas para cá, “né”, e nós fizemos uma visita guiada. Isso há um tempo atrás também houve por parte da gerente aqui do Centro Cultural convite à diversas escolas públicas para que viessem visitar as exposições. Algumas até para um público assim mais dirigido para o que estava sendo mostrado. Um outro exemplo em Itaipava, tem uma galeria chamada Peter Brian Medawar é uma exposição.... É uma galeria de arte que fica no parque exposição e lá foi montado uma... Foi feita uma mostra de trabalhos de alunos do polo de educação lá de Itaipava. Então ela teve uma visitação bem grande de alunos lá da própria região. Os alunos estavam expondo e eles próprios visitavam exposições, e trouxeram outros colégios da região para essa exposição. Isto aconteceu lá no passado.

Quais são os principais desafios de tentar trazer esse público escolar para dentro desses espaços?

- Eu acho que primeiro você motivar o pessoal a visitar uma exposição. De repente você pode pegar e expor um assunto que toque mais esse público do ensino médio. Mas eu acho que é uma coisa que não dependeria só aqui do Instituto porque isso vem de uma formação. Uma vivência desde a infância visitando exposição, frequentando concertos “né”, apresentações musicais até os próprios eventos gratuitos. Você não está investindo dinheiro, você vai passar assim, um domingo ou um sábado, umas horas legais e depois você sai para casa ou vai encontrar sua turma. Eu, “até experiência própria”, isso já mais, mais na juventude e fase adulta né, a gente há um tempo marcava aqui no centro de cultura com uma turma de sair para beber outra conversar, a gente marcava aqui no centro de cultura porque a gente sabia que sempre tinha alguma exposição. A gente visitava a exposição, ou assistia um filme depois a gente saía, era um ponto de referência. Tem, como lá no “Rio” encontra muito, lá no CCBB, gente que se encontra, se acha lá “né”, visita exposições, vai na livraria e depois sai, fica por aí mesmo é uma coisa que você junta uma coisa legal, uma conversa bacana, você está sempre visitando coisas legais. Às vezes algumas exposições sejam um pouco mais herméticas, você está vendo e isso com o tempo você vai assimilando. Isso para quem é novo, é investimento do Futuro.

Na sua opinião qual a importância de se estar presente dentro desses espaços para esse público escolar, este público jovem. Qual a importância de se estar dentro desses espaços?

- Eu acho que faz parte da formação como pessoa. Não adianta você ter lá suas matérias de matemática, português e história se você não acompanha o que está sendo produzido pelos artistas locais e até gente que vem de fora expor aqui. Eu acho que vai sempre faltar um lado da sua formação pessoal. Eu não digo nem para, tem gente que visitam as exposições e com o tempo acabou se tornando um artista, tem muitas histórias assim, eu mesmo posso comprar dessa história, mas até como diletante “né”. É uma faceta da sua vida “né”. Você pegar “num” livro, você assistir um filme legal. Você ouve hoje de qualquer forma uma boa música não precisa mais comprar um disco. Comprar uma fita

para assistir a um filme, é tudo muito mais fácil. Mas o que eu acho importante você sair um pouquinho da sua telinha e ir para o local onde as coisas acontecem. Nada substitui uma obra de arte, a peça em si, o contato né “tête-à-tête” e você ter a imagem na sua tela, é diferente. A tela te informa muita coisa, seu computador, seu smartphone e tal, mas o contato frente a obra, às vezes a dimensão da obra é uma coisa que uma tela de computador não capta sabe? Eu acho que faltas vezes a outra dimensão de onde as coisas acontecem. Você ver, eventualmente tocar, se for o caso. Às vezes as pessoas acham que basta se trancar em casa e ficar, uns fazer alguma visita virtual. Acho importante ter a experiência de visitar exposições. Eu tenho essa experiência. De novo vou citar minha experiência pessoal. Tem gente que vê alguns trabalhos meus, e nisso acha que eles eram enormes, e na verdade são tão pequenos, isso às vezes causa boas surpresas. Então acho que nada substitui você “ta” numa peça de teatro, você assistir a um filme no telão ou você visitar uma exposição. Algumas exposições são interativas e isso você não vai ter na sua tela de computador. Com certeza.

Levando em consideração a, pensando em você enquanto um artista, qual a importância de um centro cultural como Centro Cultural Raul de Leoni para os artistas petropolitanos?

- É quando eu entrei aqui “tem” um amigo meu que já foi funcionário aqui, mas o prêmio Guerra-Peixe, ele sempre fala que o centro cultural de Petrópolis é se eu não me engano o terceiro maior do interior do estado do “Rio”. Temos que tirar a capital e Niterói. Então é algo que você não pode deixar de passar e entrar. A gente vê, muita gente passando em frente né, os próprios turistas, visitam o Museu Imperial, passam aqui, mas não entram para visitar. para ver o que tem aqui dentro. Eu às vezes lá fora eu escuto muito as pessoas falarem:- ”Eu preciso ir ao banheiro”- “Vai ali naquele prédio”. A referência é essa sabe. -“Mas o que é aquilo”-”Aquilo é da prefeitura, tem banheiro lá, pode ir lá”. Então as pessoas às vezes entram aqui, eu como servidor aqui da casa, vejo muitas pessoas entrarem aqui por necessidades fisiológicas, sabe, não uma coisa de vir para saber o que estava acontecendo. ou até o que não está acontecendo. Até para perceber que não está acontecendo e poder cobrar, vamos agitar mas sempre tem alguma coisa acontecendo, não só nas artes Plásticas mas apresentações musicais. Praticamente quase todos são de entrada franca, e isso é importante e o ponto central , não tem a desculpa.

Você falou do que tá acontecendo. Aqui acontece algumas oficinas, você pode contar para gente um pouco do que tá o que acontece na orgânica deste espaço?

- Tem aqui as exposições, no teatro temos apresentação musical, Peças de teatro mesmo, tem o cinema e tem uma sala de música que é usada basicamente para ensaios. É uma coisa importante, muita gente não sabe, a gente tem um estudo, um coral musical que tenha assim o ensaio três vezes por semana, mas claro os ensaios são fechados, não são abertos ao público. É um coral que está com uma qualidade de repertório, uma qualidade vocal muito legal sabe, então é um espaço para ensaios e para oficinas também. tem pessoal do ballet também que faz algumas oficinas aqui. Isso basicamente o que tá acontecendo agora tá então sempre tem alguma coisa acontecendo.

Qual importância que a arte deveria ter e qual a importância que você sente que é dada para a arte na sociedade contemporânea, principalmente dentro do Município de Petrópolis.

- Eu como artista plástico e até como servidor aqui da casa eu tenho observado assim uma queda muito grande do espaço da arte, não digo nem só da arte mas da Cultura o que ela tem, a importância que ela tem na vida das pessoas. Eu acho que as pessoas estão perdendo pouco essa dimensão do sensível, de você ter sua vida atribulada de trabalho, suas preocupações, mas dedicar um tempo até como lazer em atividades culturais. Porque se você antes tinha como desculpa: ”- não, mas eu não vou ao teatro municipal assistir um ballet porque a entrada assim é “proibitiva”, nem isso se tem. Já há muito tempo que a gente consegue ter bons espetáculos com entrada franca e você consegue ter apresentações às vezes com preço simbólicos. Visitas às exposições aqui, gratuitas. As pessoas as vezes então as pessoas passam aqui, passam uma hora, passam meia hora, e não entram para ver o que está acontecendo né, não é nem interromper a conversa é você chamar um amigo, chamar a namorada, entrar e conversarem e verem o que tá acontecendo. Então eu acho que essa dimensão de você estar presente na Cultura, deixar a cultura fazer parte da sua vida é uma coisa que, eu tenho percebido, “tá” se perdendo um pouco.

Você atribui isso a que?

Boa pergunta, às vezes é uma questão de formação mesmo, de você ter muita coisa que você não consegue dar atenção para as coisas que às vezes tem uma fruição um pouco mais complexa. Parece que você, é tão fácil você ouvir um “lálálá”, que você fica com preguiça de ouvir um trecho de uma ópera. Você às vezes é mais fácil você comer um sanduíche do que você comer uma salada com arroz feijão uma carne uma coisa assim. Isso é uma facilidade, que cada vez a gente está tendo mais e só pegar para gente o que é de fácil deglutição né, aquilo que demanda um pouco mais de conhecimento, aquilo que demanda um pouco mais de tempo para você entender a obra, às vezes passa um pouquinho da preguiça, você pegar um livro e ler um bom livro o livro. Não é que para ele ser bom, ele tenha que ser difícil de ser lido, “né”. Os bons livros têm essa demanda de tempo. Eu vou citar de novo um exemplo próprio. Eu uma época me propus a ler *Ulisses* do James Joyce, o livro é um catau, uma coisa imensa. Comecei a ler assim, apressadamente, e falei: Não. Parei. Foi um período de férias agora eu vou cair de cabeça no livro, entrar no livro e vou dar o tempo que ele precisa para ser lido do início ao fim e ser captado né. Acho que gente tem que ter este tempo de ser captado. Você não conta às vezes os minutos contamos dos dias de você ler. É como você construir uma obra, uma pintura que você constrói, você faz, desfaz às vezes joga fora e no final acaba dando certo né. Mas toda obra tem seu tempo né, às vezes não quer dizer que você para produzir uma obra prima, tenha que levar anos. Pode produzir em poucos minutos, mas o processo que leva ali demanda tempo, atenção. Você tá ligado e com vontade de fazer. Acho que às vezes falta um pouquinho de vontade

Você falou duas coisas que me lembra muito a relação do professor: tempo e vontade. Na sua opinião, na sua vivência, quais são as principais reclamações dos professores quando você chegava, tentava acessar essas escolas, para que eles trouxessem seu público para as suas exposições como curador, e como artista. Quais são as principais queixas e reclamações com relação às dificuldades?

-Basicamente assim: “-A gente está com uma grade apertada não tenho tempo para isso.” Eu entendo que você tem que dar aquela carga horária, que por lei é necessário. Você não tem tempo de você desviar o aluno de um horário de aula para trazer para cá. Mas aí eu até pergunto:”-Tudo bem, a aula vai até umas 6 horas talvez 6:30”- “Eu acho difícil, vai todo mundo debandar.” Mas é uma coisa que assim que deveria ser de interesse de todos. “-Nós vamos lá”, “-vamos depois da aula”. Se tiver disposição,

depois da aula a gente vai visitar a exposição e vai todo mundo junto. Eu fazia muito isso, a gente ia visitar as exposições com os colegas, e mais do que isso, eu fiz a escola de arte no “Rio” a gente trabalhava em ateliers coletivos.

Eu percebo isso hoje, o trabalho coletivo sempre rende muito mais, às vezes mais perguntas do que respostas do que trabalho solitário. Então essa visita do grupo da escola, por mais barulhenta que possa ser, as vezes é melhor do que você sozinho visitar. Acho que você repercute mais, o que está vendo, mesmo no meio dessa bagunça toda. É interessante né, o grupo que estuda junto, que estão no recreio juntos, participar de uma atividade cultural também em conjunto. E com a vantagem de ter lá o professor que vai guiando, às vezes a gente aqui também faz uma visita guiada, isso é uma coisa legal. É bom para gente, e vai fruir muito mais uma exposição do que sozinho. Não é fechado e com alguma coisa aqui que eu detesto ir ao museus e ficar um cara em cima explicando. Não é isso, é você deixar o pessoal passar as perguntas e você passar algumas informações da exposição deixa o cara fluir livremente, acho que é o nosso papel aqui também.

Você falou mais cedo do professor Claudio Copello, que dele trazer os alunos do colégio Estadual D. Pedro II, que é um colégio estadual, e de ensino médio. Minha experiência me trouxe também aqui com a Professora Márcia Totstein. E temos também aqui o Liceu que é um colégio Municipal mas também tem ensino médio. Com PEC 241, que tira esse professor mediador esses grupos que você acabou de citar eles acabam sendo desfeitos porque ela de dissipa dentro das outras disciplinas e larga de ser um componente curricular para fazer parte do currículo Geral das linguagens. Para você Qual o prejuízo de tirar esse professor-mediador?

- Eu sei que existe esta discussão. Mas como eu não sou professor de colégio, sou professor de atelier de artes plásticas, não convivo com essa realidade escolar eu sei que isso pode trazer alguns prejuízos. Agora no caso citado do Cláudio Copello, eu o convidei de forma assim bastante direcionada, porque ele participa de uma grade escolar lá no Dom Pedro que é especificamente, voltado para área de cinema, de arte visuais em si. Então eu sabia que era o público ideal, sabia e esse público então veio com muito interesse. Então foi assim uma coisa assim já direcionada para eles “lá”. “Que sabia que

lá” o Cláudio tinha me falado né, Aliás essa experiência eu achei fantástica. Minha época que eu posso tomar hoje ensino médio a gente tinha assim àrea de humanas, área de laboratório e área de engenharia então a gente também na época, “a gente” era direcionado a visitar museus, isso na década de setenta. Então isso eu acho importante, mesmo pessoal que vai seguir na outra área tem que ter um pouquinho esta iniciação. “Daí” esse assunto você tocou ser uma perda né. Você tirar isso que você chamou de professor mediador, o pouco que eu sei disso.

obrigado pela entrevista.

ANEXO II

AUTORIZAÇÕES



ESPECIALIZAÇÃO EM

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO
CULTURAL E ARTÍSTICO

AUTORIZAÇÃO

Eu PROF. JOSÉ VARELA QUEDES
abaixo assinado(a), autorizo **Diogo Henrique Feliciano de Oliveira**, estudante do curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico, do Programa de Pós Graduação em Artes (PPG-Arte) do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título provisório **CENTROS CULTURAIS DE PETRÓPOLIS E SEUS DESAFIOS NA FORMAÇÃO DE PÚBLICO** sob a orientação da Profa. Ma Anna Paula da Silva.

Petrópolis, ____ de _____ de 20__

PROF. JOSÉ VARELA QUEDES

Assinatura do entrevistado



ESPECIALIZAÇÃO EM

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO
CULTURAL E ARTÍSTICO

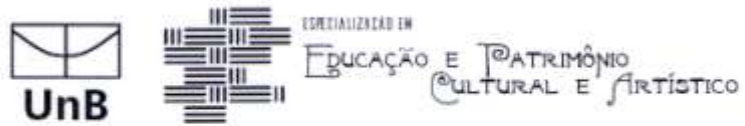
AUTORIZAÇÃO

Eu PAULO FERNANDO CAMPINHO DE CARVALHO

abaixo assinado(a), autorizo **Diogo Henrique Feliciano de Oliveira**, estudante do curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico, do Programa de Pós Graduação em Artes (PPG-Arte) do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título provisório **CENTROS CULTURAIS DE PETRÓPOLIS E SEUS DESAFIOS NA FORMAÇÃO DE PÚBLICO** sob a orientação da Profa. Ma **Anna Paula da Silva**,

Petrópolis, 18 de JANEIRO de 20 19.

Assinatura do entrevistado



AUTORIZAÇÃO

Eu Maria Luiza Rocha Melo

- abaixo assinado(a), autorizo **Diogo Henrique Feliciano de Oliveira**, estudante do curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico, do Programa de Pós Graduação em Artes (PPG-Arte) do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título provisório **CENTROS CULTURAIS DE PETRÓPOLIS E SEUS DESAFIOS NA FORMAÇÃO DE PÚBLICO** sob a orientação da Profa. Ma **Anna Paula da Silva**.

Petrópolis, 18 de Janeiro de 2019.



Assinatura do entrevistado



ESPECIALIZAÇÃO EM
EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO
CULTURAL E ARTÍSTICO

AUTORIZAÇÃO

Eu Eliane Martins (mãe de Diogo Martins)

abaixo assinado(a), autorizo **Diogo Henrique Feliciano de Oliveira**, estudante do curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico, do Programa de Pós Graduação em Artes (PPG-Arte) do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título provisório **CENTROS CULTURAIS DE PETRÓPOLIS E SEUS DESAFIOS NA FORMAÇÃO DE PÚBLICO** sob a orientação da Profa. Ma **Anna Paula da Silva**.

Petrópolis, 18 de Janeiro de 2019.

Assinatura do entrevistado